

Ary Lex

- Evolução do Pensamento Humano
- Francis Bacon e Allan Kardec
- Controle Científico dos Fenômenos
- As Restrições dos Materialistas

PUREZA DOCTRINÁRIA

- Espiritualização da Ciência
- Deturpações Orientais
- Falsos Parapsicólogos
- Erros de Orientação nas Sessões

Edições
FEESP

— Federação Espírita do Estado de São Paulo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

A aceitação crescente da Doutrina Espírita, nas últimas décadas, constitui-se num fato alvissareiro para a autenticação da realidade espiritual. Contudo, conforme Herculano Pires (1914-1979), o Espiritismo ainda continua um "desconhecido". Movida pela ânsia de soluções imediatistas, a maioria ainda não busca uma nova filosofia de vida, a par de uma explicação para o porquê "do ser, do destino e da dor". Então, impõe-se a necessidade de Centros Espíritas bem constituídos e geridos por pessoas preparadas, sob pena de dar-se espaço às deturpações e erros de orientação. Hoje, mais do que nunca, é da maior importância a preservação da pureza doutrinária. Tal é o propósito desta obra. "O que não se pode permitir — alerta o autor — é que, em nome do Espiritismo, se pratiquem atos totalmente condenados pela doutrina."

*Seareiro da primeira hora,
o dr. Ary Lex tem uma folha
de serviços prestados à
causa da Doutrina Espírita
que, mal comparando,
equipara-se a seu currículo
profissional. Nele,
pe: amento e ação interagem
como causa e efeito na mais
justa ponderação.
Médico, o dr. Ary Lex é
Diretor Executivo Aposentado
do Hospital das Clínicas
(de São Paulo), ex-Assistente
de Clínica Cirúrgica desse
nosocômio, ex-Professor
Titular de Biologia
Educativa e Biologia I da
Universidade MacKenzie
(durante 15 anos). Escreveu
"Biologia Educativa", já na
19.ª Edição, pela Companhia
Editora Nacional, e "Hérnias",
livro adotado em Faculdades de
Medicina de todo o país.
No movimento espírita é
Conselheiro da Federação
Espírita do Estado de S. Paulo
desde 1942, Conselheiro da
União das Sociedades Espíritas
do Estado de São Paulo desde
1947, ex-Presidente do
Instituto Espírita de Educação
e atual Presidente da
Associação Médico-Espírita
de São Paulo.*

PUREZA
DOCTRINÁRIA

ARY LEX

PUREZA DOUTRINÁRIA

EDIÇÕES FEESP

Rua Japurá, 211 - Caixa Postal 8763

São Paulo - SP - Brasil

1988 —Julho

1.ª Edição — Do 1.º ao 5.º milheiros

Coordenação Editorial: Júlia Nezu Oliveira

Revisão: Selma Cury

Produção Gráfica: João Pascale

Arte-Final da capa: Celso Calixto Rios

Composição: Linotec

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

R. Japurá, 211 — Bela Vista — Caixa Postal 8763

Fones: 37-8943 / 34-5331 / 34-5327

São Paulo — SP — CEP 01316

CGC 61.669.966/0001-00

Inscrição Estadual 105.900.241

Os Direitos Autorais desta edição foram cedidos graciosamente à Federação Espírita do Estado de São Paulo

Ficha Catalográfica

(Feita na Editora)

Lex, Ary (1916-)

L654p Pureza Doutrinária / Ary Lex; Prefácio de Apoio
Oliva Filho; 1.ª Edição; São Paulo; Edições FEESP;
1988,

Bibliografia.

1. Espiritismo 2. Espiritismo — Filosofia

CDD — 133.901
133.9

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

ÍNDICE

| | |
|---------------|---|
| PREFÁCIO..... | 9 |
|---------------|---|

CAPÍTULO I

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 13 |
| Conceitos de Espírita e Espiritismo..... | 14 |

CAPÍTULO II

EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO

| | |
|--|----|
| Pensamento Mágico e Pensamento Lógico..... | 19 |
| Dedução e Indução..... | 22 |
| Bacon e Kardec..... | 25 |

CAPÍTULO III

CIÊNCIA E ESPIRITISMO

| | |
|--|----|
| Controle Científico dos Fenômenos..... | 31 |
| Aproximação Ciência-Espiritismo..... | 33 |
| As Restrições dos Materialistas..... | 36 |
| Espiritualização da Ciência..... | 40 |

CAPÍTULO IV

ESPIRITISMO E RELIGIÃO

| | |
|--|----|
| Religião e Ciência Entrelaçadas. | 43 |
|--|----|

CAPÍTULO V

DOCTRINA E PRÁTICA

| | |
|---|----|
| As Deturpações Invadem o Espiritismo. | 53 |
| Deturpações Orientais. | 55 |
| Outras Deturpações Doutrinárias. | 60 |
| Ramatis. | 60 |
| Falsos Parapsicólogos. | 63 |

CAPÍTULO VI

DETURPAÇÕES DA PRÁTICA MEDIÚNICA

| | |
|--|----|
| Introdução de Rituais. | 69 |
| Umbanda. | 71 |
| Erros de Orientação nas Sessões. | 78 |

CAPÍTULO VII

DOS FATOS À FILOSOFIA

| | |
|------------------------------|----|
| Teoria e Prática. | 89 |
| Estudos da Doutrina. | 92 |
| Pureza Doutrinária. | 95 |
| Bibliografia. | 99 |

PREFÁCIO

Conheci o Dr. Ary Lex em 1946, na União da Mocidade Espírita de São Paulo — UMESP, dois anos após eu ter abraçado a Doutrina Espírita. Até aos 20 anos, fui católico, membro de congregação mariana em cidade do interior paulista. Na UMESP, além de assistir às palestras semanais, passei a ouvir as aulas sobre Espiritismo, ministradas pelo Dr. Ary Lex. Ele e Pedro de Camargo — "Vinícius" foram os mestres que me iniciaram no conhecimento do Espiritismo: o primeiro, no aspecto científico; o segundo, no religioso. Com eles aprendi muito!

Ary Lex, nascido em Barretos — SP, a 06/05/1916, e formado em Medicina na Universidade de São Paulo — USP, em 1939, integrou-se na UMESP, logo após sua fundação, em 1937, pelo saudoso Prof. Romeu de Campos Vergai. Foi seu Presidente, de 1941 a 1943, e Presidente do seu Conselho por 11 vezes, entre 1938 e 1959. Eleito para o Conselho Deliberativo da Federação Espírita do Estado de São Paulo — FEESP, em dezembro de 1942, nele permanece até hoje. É o mais antigo Conselheiro da nossa Federação Espírita estadual.

Fundada a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE, em 1947, foi eleito para o seu Conselho Deliberativo Estadual, onde, também, permanece até hoje.

Juntamente com outros confrades médicos, foi fundador da Associação Médico-Espírita de São Paulo, onde, atualmente, exerce o cargo de Presidente.

Professor que sempre foi, desde 1951, é membro do Instituto Espírita de Educação, do qual foi Presidente durante quatro anos.

É comum depararmos com artigos de sua autoria, publicados nos jornais e revistas espíritas desta capital, do Interior e de outros Estados.

Isso, o que me lembro, porque no exercício dessas atividades espíritas, sempre estive a seu lado, ocupando idênticos cargos, exceção feita à Associação Médico-Espírita, naturalmente sem o mesmo brilho e desenvoltura.

Para os que não conhecem suas atividades profissionais, direi, de início, que o Dr. Ary Lex foi sempre o meu médico e de toda minha família. Médico-Assistente da Clínica Cirúrgica do Hospital das Clínicas, de 1946 a 1978; Diretor do Centro Cirúrgico do Hospital das Clínicas, de 1979 a 1980; Diretor dos Ambulatórios, de 1980 a 1983 e Diretor Executivo do Instituto Central das Clínicas, de 1983 a 1985, cargo no qual se aposentou. Professor titular de Biologia Educacional, Biologia II e Neuro-fisio-anatomia, da Universidade Mackenzie, de 1965 a 1978; professor titular de Biologia Educacional das Faculdades Metropolitanas Unidas, de 1968 a 1974; autor do livro "Biologia Educacional" — Cia. Editora Nacional, atualmente na 19.ª edição; e, finalmente, autor do livro "Hérnias", usado nas Faculdades de Medicina.

Como orador nas tribunas espíritas, o Dr. Ary Lex, na maioria das vezes, expõe temas relacionados com a pureza doutrinária. Nesse campo, alguns poucos poderão igualar-se a ele; superá-lo, jamais. Expõe as suas idéias de intransigente defensor da pureza da prática do Espiritismo, com arrojo, com coragem. Isso lhe tem custado muitas incompreensões. Contudo, inúmeras instituições espíritas almejam sua presença em suas tribunas, exatamente porque ele tem na pureza doutrinária o tema de sua preferência.

Neste livro o escritor não trai o orador. Permanece o Dr. Ary Lex, que os espíritas sempre conheceram e admiraram, especialmente nos títulos: "As Deturpações Invadem o Espiritismo", "Deturpações Orientais", "Outras Deturpações Doutrinárias", "Ramatis", "Falsos Parapsicólogos", "Introdução de Rituais", "Umbanda", "Erros de Orientação nas Sessões", "Perguntas Inoportunas", "Fantasias Referentes às Personalidades dos Espíritos Comunicantes", "Rotinas Condenáveis" e "Assuntos Materiais".

No último título, o Autor trata da Pureza Doutrinária, propriamente dita. Não que nos títulos anteriores não houvesse cuidado do assunto. Agora, ele entra no cerne da questão. É como que o coroamento da obra. Senão vejamos uma de suas primorosas conclusões: "... É urgente e fundamental que todos aqueles que tiveram a ventura de entender o Espiritismo lutem, dia-a-dia, pela manutenção da pureza doutrinária. Que não se omitam. Que não se escondam atrás dum comodismo preguiçoso, alegando que cada qual tem o direito de adotar a prática que quiser e que cada qual vive a religião de acordo com seu grau de evolução intelectual... O que não se pode permitir é que, *em nome do Espiritismo*, se pratiquem atos totalmente condenados pela doutrina."

Se não preservarmos a pureza doutrinária, perguntamos: o que acontecerá com o movimento espírita no Terceiro Milênio? a resposta é uma só: estará sensivelmente afastado da Doutrina Espírita, e não como foi codificado por Allan Kardec. Seria uma pena! Para que isso não aconteça é indispensável que os espíritas de hoje leiam e sigam os conselhos e sugestões apresentados pelo Autor.

Apolo Oliva Filho

CAPÍTULO I

CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Introdução

O Espiritismo, codificado há 130 anos, já se difundiu por todo o mundo, sendo hoje aceito por razoável parcela dos povos. Vários fatores concorrem para esse rápido crescimento. Não os estudaremos com detalhes, pois fugiria ao nosso objetivo. Entretanto, gostaríamos de lembrar, apenas, o caráter eminentemente confortador de seus ensinamentos, provando-nos a justiça divina e as maravilhas que a mediunidade tem proporcionado. Ante esse apelo, para a valorização das coisas do Espírito, os seres inquietos e sofredores têm acorrido em massa às instituições espíritas. Lamentavelmente, a grande maioria não vai em busca de uma nova filosofia de vida, de uma explicação lógica para os problemas "do ser, do destino e da dor". Vai em busca, apenas, de um lenitivo imediato, que afaste, de pronto, as dificuldades físicas e espirituais, sem exigir das pessoas qualquer mudança de seus hábitos e convicções.

Essa massa de sofredores e, numerosas vezes, de curiosos dos fenômenos, vem pressionando os centros espíritas, para que lhe ofereçam aquilo que seu primitivismo espiritual exige: uma prática mediúnica, cada vez mais deformada e mais cheia de rituais, trazidos de outras religiões, como as orientais, o catolicismo e a umbanda. Por vezes, os próprios dirigentes de instituições ditas espíritas acabam sendo coniventes. Temendo perder aquela

enorme freqüência de assistentes, acabam cedendo aqui e ali, e as deturpações do movimento espírita vão-se consolidando.

Mensagens melífluas e vazadas em linguagem pobre e repetitiva colaboram para a desfiguração dos verdadeiros conceitos de espiritismo, mediunidade, justiça, caridade etc.

Não é mais aceitável que continuemos impassíveis, vendo essa avalanche de coisas estranhas, condenadas, veementemente, nas obras de Kardec, ir avassalando a prática espírita. O tempo urge, no sentido de os verdadeiros espíritos procurarem explicar a todos, crédulos e incrédulos, cultos e incultos, os conceitos e os verdadeiros objetivos do Espiritismo. Em suma, todos nós, que tivemos a ventura de conhecer e entender esta Doutrina de luz, precisamos lutar sem descanso, sem tréguas, pela manutenção da pureza doutrinária.

Conceitos de Espírita e Espiritismo

Deolindo Amorim, no Rio de Janeiro, e Luiz Monteiro de Barros, em São Paulo, foram os que mais lutaram pela conceituação do termo "espírita". Deolindo Amorim, esse brilhante jornalista e professor, escreveu dois livros em que esclarece o assunto: "Africanismo e Espiritismo" (Rio de Janeiro — 1947) e "O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas" (Curitiba — 1958). Neste último livro, no Capítulo IV, esclarece: "Que é o Espiritismo, afinal? É a prática mediúnica por si mesma? É a simples crença nas intervenções de 'além-túmulo?' É a Doutrina integral?"

Se o Espiritismo fosse, apenas, sessão mediúnica ou a crença no poder dos Espíritos desencarnados, vulgarmente chamados mortos, bastaria ser médium ou tomar parte em qualquer tipo de sessão mediúnica, para que se qua-

lificasse alguém de espírita. Se, porém, o Espiritismo é o corpo de Doutrina, organizado por Allan Kardec, com os princípios que regulam os procedimentos nas relações com o mundo espiritual; se o Espiritismo tem conceitos que lhe definem o verdadeiro caráter; se, finalmente, de sua elaboração doutrinária, preparada durante anos a fio, resultam conseqüências na ordem científica, como na ordem filosófica, religiosa, moral, social e assim por diante, pois a Doutrina 'toca em diversos ramos do conhecimento', claro que não seria simplesmente a freqüência a sessões ou a submissão, às vozes do outro mundo, sem a mínima elucidação crítica, a condição suficiente para que qualquer curioso ou crente se integrasse no Espiritismo. O adepto do Espiritismo, o espírita, enfim, é aquele que conscientemente adere à Doutrina e, portanto, concorda com seus princípios e aceita as conseqüências das teses espíritas em suas idéias formadoras, sua vida moral, social etc."

"Suponhamos, então, que alguém se torne freqüentador de reuniões espíritas, seja para fins de estudos, seja à procura de benefícios pelo passe ou motivado pelo desejo de consulta ao médium, mas encare o Espiritismo exclusivamente pelo lado mediúnico, sem qualquer apelo à moral cristã, sem a mínima concordância com a Doutrina, ainda que seja perseverante nas 'sessões práticas'. Seria razoável considerá-lo espírita? Não haveria lógica."

Dr. Luiz Monteiro de Barros, médico homeopata, diretor, durante largos anos, da Federação Espírita do Estado de São Paulo, inclusive seu presidente, foi o relator de extenso trabalho, apresentado na década de 1950 ao Conselho Federativo Nacional, em nome da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Nesse trabalho, encontramos o seguinte:

"Espiritismo não é sinônimo de mediunidade. O fenômeno mediúnico pode conduzir uma criatura ao Espiritismo e, caso a conduza, então essa criatura se dirá espírita."

"O Espiritismo é uma Doutrina filosófica, uma religião não constituída, isto é, sem idolatria, sem rituais e sem hierarquia sacerdotal. Ele não é, apenas, a crença na existência e na comunicabilidade do espírito."

Admira que, apesar desses oportunos esclarecimentos e do trabalho incessante de Herculano Pires, ainda vicejem as confusões entre mediunismo e Doutrina.

Outra diferenciação importante para fazer é entre as palavras Espiritismo e Espiritualismo. Logo, no primeiro parágrafo da Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, no "O Livro dos Espíritos", Kardec diz: "Para as coisas novas necessitamos de palavras novas, pois, assim, o exige a clareza de linguagem, a fim de evitarmos a confusão inerente aos múltiplos sentidos dos próprios vocábulos. As palavras espiritual, espiritualista, espiritualismo têm uma significação bem definida; dar-lhes outra, para aplicá-las à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar as causas já tão numerosas de anfibología (ambigüidade de sentido). Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo; quem quer que acredite haver em si mesmo alguma coisa além da matéria é espiritualista. Mas não se segue daí que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível.

Em lugar das palavras espiritual e espiritualismo, empregaremos, para designar esta última crença, as palavras espírita e espiritismo, nas quais a forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, têm a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando para espiritualismo sua significação própria."

Como se vê, os católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, brâmanes, teosofistas, rosas-cruzes são todos espiritualistas, pois aceitam a existência do Espírito. Todavia, para ser espírita, é preciso aceitar inúmeras outras coisas, como a reencarnação, a comunicabilidade dos Espíritos, a lei de causa e efeito etc. Mas, ainda, não basta.

"O Espiritismo não reconhece por seus adeptos senão aqueles que praticam os seus ensinamentos e se esforçam por se melhorarem."

É oportuno lembrar que os norte-americanos e muitos europeus não empregam a palavra Espiritismo e sim Espiritualismo ou Moderno Espiritualismo. Isso é descabido, pois contraria o conceito de Kardec, que criou os neologismos "espírita" e "espiritismo".

CAPÍTULO II

EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO HUMANO

Pensamento Mágico e Pensamento Lógico

O homem primitivo, sob o impacto dos fatos da natureza, que ele não controlava e não compreendia, procurou dar-lhes uma interpretação sobrenatural. Assim, as chuvas, os raios, as várias catástrofes seriam devidas à intervenção dos deuses, demônios ou duendes. Da mesma maneira, as doenças seriam castigos divinos e o único meio de afastá-las consistiria em conseguir a boa vontade e a ajuda dos deuses. Começaram a surgir as oferendas e as promessas, sempre com o intuito de bajulação. Culminavam as homenagens aos deuses nos sacrifícios de animais e até de vidas humanas.

Os exércitos em combate também suplicavam o auxílio dos deuses, a fim de mais facilmente poderem vencer o inimigo.

Surgiram, então, as pitonisas, os magos e adivinhos. Intitulavam-se intermediários entre o homem e a divindade. Previam os acontecimentos, descobriam pensamentos ocultos e diziam-se capazes de influenciar o futuro das pessoas, eliminando inimigos e tornando-as mais felizes. Evidentemente, isto tudo redundava em posição privilegiada nas sociedades, onde viviam. Em geral, essas pitonisas e magos chegavam a acumular grandes fortunas — e tinham influência até sobre monarcas e generais.

Em vários povos, como os egípcios, caldeus, assírios, babilônicos, persas, fenícios, encontramos uma religião popular, acessível a todos, com muitos rituais e pouco conteúdo, e uma religião esotérica, profunda e só compreendida pelos iniciados. Estes, obviamente, exerciam poderosa influência sobre as crenças e atitudes do povo.

"Os magos eram austeros, puros, vestiam-se de branco, eram vegetarianos e, como os mazdeístas, celebravam o culto do fogo. Na Caldéia, a Magia era tida em alta consideração, a ponto de seus cultores serem equiparados aos reis e a sua arte denominada Arte real.

No Egito, existiu uma alta Magia, transmitida pelos iniciados, e só conhecida em sua real profundidade pelos hierofantes, que detinham zelosamente os ensinamentos e as tradições de THOT (o Hermes Trimegisto dos gregos), que fez esculpir em pedra os dogmas da Magia."

Os dois parágrafos acima são extraídos do livro "O inconsciente, a magia e o diabo no século XX", de autoria do Dr. Alberto Lyra, psiquiatra, mestre em Análise Transacional, filósofo e um dos mais cultos pensadores do Brasil.

Outra forma de pensamento mágico encontramos no fetichismo, em que se admite uma influência mágica dos objetos. Dentre os mais conhecidos, podemos citar as figas, os talismãs, ossos e chifres de animais, pedras preciosas. O episódio do "Bezerra de Ouro", referido na Bíblia, prova bem essa intensa tendência popular. Na Assíria, relata Lyra, "eram também muito usados os Talismãs e ritos defensivos contra os maus gênios. Procuravam transportar os seus males para a água, lavando-se, ritualmente, por sete vezes no Tigre ou no Eufrates e pensando em passar o mal para o rio. Se se julgassem enfeitiçados, o processo era jogar a água com que se lavavam no rosto do feiticeiro".

"Na Idade Média, a Magia, sob o nome de feitiçaria, assumiu aspectos turvos e tétricos e constituiu um dos maiores pesadelos dessa era de obscurantismo e superstição. Foi a idade da crença no diabo, nos pactos selados com sangue e do comércio com seres inteligentes não-humanos — os elementais."

Mais tarde, essa tendência fetichista invadiu, também, o cristianismo, com os bentinhos, colares, miçangas, água benta, objetos que teriam pertencido aos santos, ou pedaços do sudário de Jesus (Veja-se o livro "A Relíquia", de Eça de Queiroz). Todas essas coisas protegeriam seus portadores contra os inimigos, contra as doenças e trariam sorte nos negócios, na vida profissional ou nos amores. As práticas fetichistas tomaram maior vulto nos cultos afro-brasileiros.

Os povos antigos eram muito dados a observar os astros e constelações. Assim, foram catalogados os signos zodiacais. As pessoas, nascidas num determinado signo, sofreriam a influência dessa constelação; seu caráter e seu destino dependeriam dela. Passou-se a interpretar a conduta humana como devida à influência astral. A agressividade, o domínio do sexo, a ambição desenfreada não seriam defeitos de caráter, mas conseqüência da atuação dos astros. Fugia-se, dessa forma, à responsabilidade pelos atos praticados. Tal explicação era extremamente agradável e, por isso, a astrologia foi amplamente aceita. Infelizmente, nos últimos decênios, no Brasil, houve um crescente interesse pela astrologia, alimentado por programas radiofônicos e seções especiais em revistas e jornais. Sempre o pensamento mágico a empolgar as criaturas.

Um dos mais antigos trabalhos publicados, em revista científica, sobre "Feitiço, Amuleto e Talismãs", encontramos nas Atas Ciba, ano XI — Números 8 e 9 — Agosto-Setembro de 1944, do Dr. W. Born (Suíça). É um trabalho extenso, cheio de ilustrações, que ocupa o número inteiro da revista.

E a Codificação, que nos diz? No "O Livro dos Médiuns", item 282, pergunta 17, se lê: "Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos, como pretendem certas pessoas? R. — Pergunta inútil, pois sabeis que a matéria não exerce ação sobre os Espíritos. Ficai certos de que jamais um Espírito bom aconselharia semelhantes absurdos."

Compreende-se que o pensamento mágico tivesse sido o habitual entre os selvagens e os povos materializados e incultos dos séculos passados. Hoje, sabemos que é uma fase superada da humanidade.

O pensamento lógico ou científico só foi possível, após o desenvolvimento das ciências. O método científico nos ensina que só devemos recorrer ao sobrenatural, após excluir a intervenção de qualquer causa material. Ele foi muito útil e permitiu as grandes descobertas, em todos os campos da atividade humana. Ensinou o homem a observar, analisar, meditar e concluir.

Baseando-se nesses postulados, é que o Espiritismo rejeita as fantasias da Astrologia. Os que a defendem dizem que ninguém pode negar as descargas magnéticas solares e a influência dos astros, especificamente da Lua, nas marés e no crescimento das plantas. Mas há uma diferença muito grande entre a ação energética sobre a matéria orgânica, realmente possível, e a atuação dos astros sobre a conduta das pessoas; estaria havendo interferência no livre arbítrio, o que é um absurdo.

Dedução e Indução

Dois métodos de estudo foram usados pelos filósofos e pesquisadores, desde os pitagóricos, passando por Sócrates, Platão e tantos outros: o dedutivo e o indutivo.

No método dedutivo, caminhamos do geral para o particular. Partimos de premissas, idéias iniciais, que não precisam ser provadas. Vamos, depois, pelo raciocínio abstrato, tirando conclusões, até chegar àquilo que se considera verdade deduzida. Não há análise dos fatos ou estudo da natureza. Não há contato com os fenômenos. Esse foi o método primordial de toda a filosofia aristotélica e da patrística.

Alguns espíritas, que tanto criticam as seitas dogmáticas, usam os mesmos métodos. Dizem: Os Espíritos desencarnados têm muita força e podem resolver os nossos problemas. Está provada sua intervenção no mundo corporal. Portanto, vamos manter boas relações com eles, para fazermos jus a seus favores. Vamos homenageá-los. Tudo que vier do plano espiritual deve ser aceito sem contestação, para que eles não se aborreçam conosco. Partindo da premissa (aliás errada) de que os Espíritos podem resolver os nossos problemas, chega-se àquela atitude de bajulação incompatível com a Doutrina.

Método indutivo — Usa o caminho oposto ao do método dedutivo. Começa com o particular e caminha em direção à conclusão geral. Um exemplo: Estamos em uma praia e observamos que a água do mar, a partir de um certo momento, começa a subir, cobrindo cada vez maior extensão de praia, até atingir o nível máximo. Depois, começa a descer, chegando ao nível mínimo. Vamos observar nos dias seguintes e vemos que acontece sempre a mesma coisa. Concluimos que diariamente temos fases de maré alta e de maré baixa. Foram observados fenômenos isolados e chegou-se a uma conclusão geral. Em etapa posterior, procura-se chegar às leis que regem o fenômeno.

Usando o método indutivo, iremos explicando, por leis físicas, cada vez maior número de fatos. Assim, as chuvas, os raios, o arco-íris, as catástrofes, que eram explicados, no pensamento mágico, pela intervenção de deuses ou de

duendes, agora passam a ser explicados cientificamente. Os antigos supunham que o arco-íris fosse formado por uma entidade espiritual (a "velha", daí dizerem "arco-da-velha"). Hoje se sabe que é devido à decomposição da luz solar ao atravessar as gotículas de água das nuvens, dando as 7 cores do espectro solar: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, índigo e violeta.

Vejamos o que nos diz Kardec, a respeito. No "O Livro dos Médiuns" — Capítulo III (Método), item 34, encontramos: "Seria absurdo supor que aconselhamos a negligenciar os fatos, pois foi pelos fatos que chegamos à teoria. É verdade que isso nos custou um trabalho assíduo de muitos anos e milhares de observações."

Capítulo II, item 14 — "Decorrendo de uma lei da Natureza, esses fenômenos nada têm de maravilhoso, nem de sobrenatural, no sentido vulgar dessas palavras. Muitos fatos são considerados sobrenaturais, porque a sua causa não é conhecida; ao lhes determinar a causa, o Espiritismo os devolve ao domínio dos fenômenos naturais."

Método experimental — A experimentação não deixa de ser uma forma de método indutivo. Enquanto, na observação, o homem só acompanha os fenômenos que se dão e vai tirando as conclusões, no método experimental os fenômenos são provocados pelo pesquisador, para poder estudá-los. Um filósofo assim se expressava: "Na observação, é a natureza que fala por si mesma; na experimentação, é o homem que faz a natureza falar."

Na experimentação, a vantagem é que o fenômeno se produz obedecendo à iniciativa do homem, desde que, é óbvio, sejam obedecidas as condições que o fenômeno requer. Qualquer pesquisador poderá repetir o fenômeno, quando existirem aquelas condições, e poderá, desse modo, confrontar seus resultados com os de outros pesquisadores.

Nas pesquisas sobre o mediunismo, a situação é semelhante. Seguindo metodologia científica adequada, foi que numerosos pesquisadores estudaram as manifestações espíritas e tiraram conclusões válidas até hoje. Dissemos semelhante, não igual. É que nos fenômenos espíritas intervêm personalidades, com vontade própria, que, muitas vezes, não estão dispostas a seguir nossas ordens ou caprichos.

Bacon e Kardec

Até o século XVI, impera na filosofia e na religião o revelacionismo divino. As mentes não se voltam para o estudo da natureza. Raciocina-se com um mundo como deveria ser, no entender dos filósofos, e não como ele é, na realidade. A indução e o método experimental são desconhecidos. É a época da sufocação do pensamento. Estagnação social, atraso científico, dogmatismo em religião.

Surge, então, Francis Bacon, em 1561. Lança as bases do método científico experimental, reforma as idéias filosóficas e abre as portas do raciocínio à investigação imparcial. Arranca a filosofia das altitudes sonhadoras e a convida ao exame dos fatos e das coisas. Bacon foi considerado materialista, por não aceitar os dogmas da Igreja. Entretanto, muito devemos a ele. Se não tivesse introduzido na filosofia o método científico, seria muito mais difícil para Kardec poder aplicá-lo à religião.

Bacon clamou pela necessidade de um exame atento dos fatos. Pôs de lado a preocupação dos escolásticos de usar obsessivamente a lógica, já que ela havia sido transformada em processo de defender idéias preconcebidas. Diz ele: "Existirá felicidade igual à do espírito humano elevar-se sobre a confusão das coisas, podendo assim não só descortinar a ordem da natureza como os erros dos

homens? Não podemos, usando a verdade, produzir efeitos dignos dela e assim dotar de conforto a vida humana? Conheçamos as leis da natureza, que seremos seus senhores, do mesmo modo que agora, em nossa ignorância, somos seus escravos." Antevia as grandes descobertas que se iam seguir. Kardec, mais tarde, viria completar: "Não há milagres. O que há são fatos regidos por leis ainda desconhecidas."

A intolerância religiosa persistia. Via Bacon, nos últimos séculos, seitas a perseguirem outras seitas, massacres, guerras. A noite de São Bartolomeu. O sangue derramado nas Cruzadas, a manchar as bandeiras das hostes cristãs. Não admira, pois, a falta de entusiasmo de Bacon pela religião. Se a finalidade desta é granjear o maior número de adeptos, impondo a doutrina a ferro e a fogo, então é melhor não ter religião.

Entretanto, ele diz, contrariando a impressão de que fosse agnóstico: "Um pouco de filosofia inclina o espírito ao ateísmo, mas maior profundidade o reconduz à religião. Quem contemplar o encadeamento, remonta até a Providência." (Will Durant, História da Filosofia. Cia. Editora Nacional.)

A religião continuava, ainda, a ser uma questão de fé. Cuidava mais de formar um grupo coeso e forte do que do aperfeiçoamento moral. Utilizava-se muito da autoridade dos pastores. Para que esta fosse reforçada, era preciso dar aos ensinamentos um cunho divino, superior a toda crítica, sendo vedado aos crentes discutir tais postulados. Ninguém pense em chegar à verdade sozinho. Para isso existe o sacerdote, que é o intermediário entre Deus e os mortais. Isto foi amplamente explorado pelas religiões dogmáticas. Satisfazia ao comodismo e à ignorância do povo e oferecia glória e vastas compensações materiais aos pastores.

Lamentavelmente, encontramos essa conduta camuflada no movimento espírita, felizmente sem grande frequência. Certos dirigentes, expondo suas determinações, difíceis de saírem vencedoras, até mesmo junto a companheiros de diretoria, pela fragilidade dos argumentos, recorrem ao expediente de dizer que elas são ordem do plano espiritual, recebidas através de um médium do Grupo (geralmente há um médium predileto, que diz "mediunizado" aquilo que o prepotente diretor gosta de ouvir).

Nos séculos XVIII e XIX, as posturas dogmáticas e férreas das religiões começaram a desencantar os mais estudiosos e libertos. A Física, a Química e a Biologia haviam feito enormes progressos. As teorias evolucionistas empolgavam o mundo todo. A Astronomia, cujo mestre maior era o cientista e espírita Camille Flammarion, já havia banido a mística astrologia para o seu justo lugar, ou seja, o terreno das crendices primitivas. Os homens cultos não podiam continuar sujeitos aos dogmas. Os povos estavam cansados de crer, saturados de fé cega. Vendo suas crenças serem desmentidas pela Ciência, os desesperados da fé mergulharam no ateísmo.

Um surto de materialismo espalhou-se pela Europa e pelas Américas. Era até chique, elegante, negar Deus e o Espírito.

Foi, então, que surgiu Kardec. Ele deu ao mundo a noção da "fé raciocinada". Recomendou que analisássemos tudo e só aceitássemos aquilo que estivesse de acordo com a razão. É a primeira vez que encontramos a religião associada à Ciência e à Filosofia.

Leon Denis, no livro "Depois da Morte" (11.^a Edição — FEB) — Parte terceira — Capítulo XX, diz: "Kardec coordenou esse conjunto de fatos, deduziu princípios gerais e compôs um corpo de doutrina. Não se torna ela um sistema definitivo, imutável, fora e acima das conquistas

futuras da ciência. Embora superior a todos os sistemas, a todas as filosofias do passado, acha-se aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro."

No Capítulo XXVI desse livro, encontramos: "O estudo do mundo invisível exige muita prudência e perseverança. Mais difícil ainda é obter o conhecimento da humanidade invisível que nos cerca." "Há perigo para quem se entregar sem reservas às experimentações espíritas. Aquele que fosse inspirado pelo interesse material ou que visse nesses fatos um divertimento frívolo tomar-se-ia fatalmente o objeto de uma infinidade de mistificações, joguete de espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, seduzindo-o por brilhantes promessas, captariam sua confiança, para, depois, acabrunhá-lo com decepções e zombarias."

Na Revista Espírita de maio de 1869, rememora-se o método de Kardec: "Dedicou-se ele a perseverante observação e procurou deduzir as conseqüências das manifestações, lobrigando o princípio de novas leis naturais — as que regem as relações entre o mundo visível e o invisível. Reconheceu nas manifestações deste uma das forças naturais, cujo conhecimento deveria aclarar problemas reputados insolúveis." Não se limitou a uma classe de fenômenos. Penetrou em todos os campos, em todos perquiriu e analisou. Interrogou os espíritos e submeteu seus ensinamentos a uma crítica imparcial. Nunca aceitou qualquer teoria destes como uma revelação divina e sim como a mensagem de um espírito mais evoluído, passível, entretanto, de estar em erro. É isso que devemos fazer, ainda hoje, com as magníficas mensagens que recebemos, mesmo as de Emmanuel ou de André Luiz.

Kardec confrontou as várias opiniões emitidas pelos Espíritos. Verificou as concordâncias entre elas, coordenou-as, eliminou-lhes as falhas e lançou ao mundo, atônito, essa formidável organização que é a sua obra.

Foi duramente atacado e injuriado. Outro teria caído, vencido. Mas Kardec era um espírito muito evoluído e tinha a certeza do que pregava. Estava compenetrado de sua missão. Amparavam-no as forças do Alto. Apesar de todos os ataques, apesar de toda a oposição, conseguiu arrancar os homens da febre do ateísmo.

Quando Kardec desencarnou, seus companheiros, sentindo-lhe imensamente a falta, não se desesperaram. Eles estavam compenetrados dos ensinamentos recebidos do plano espiritual e codificados por Kardec. Um de seus amigos, escreveu, na Revista Espírita: "Um homem desapareceu da Terra, mas seu grande nome tomou lugar entre as ilustrações do século e um belo espírito foi retemperar-se no infinito. O homem deixou-nos; mas Allan Kardec é imortal e sua memória, seus trabalhos, seu Espírito, serão sempre com aqueles que sustentarem, com firmeza e sem rebuços, a bandeira que ele sempre soube fazer respeitar."

CAPÍTULO III

CIÊNCIA E ESPIRITISMO

Controle Científico dos Fenômenos

Quando se vai fazer uma pesquisa, no campo da mediunidade, é de absoluta importância submeterem-se as manifestações a um controle objetivo, tanto científico quanto possível. Devemos ser os primeiros a desejar a eliminação das causas de dúvida. Só poderemos convencer alguém, quando apresentarmos o fato observado e estudado criteriosamente. Queremos enfatizar que não estamos propondo tal controle para todas as reuniões mediúnicas, de qualquer modalidade, psicofônicas ou psicográficas, públicas ou privadas. Frisamos bem: o controle é necessário nos trabalhos de pesquisa, visando obter provas. Por exemplo: as sessões de materialização, efeitos físicos, fotografia espírita, transportes de objetos, transfiguração ou semelhantes precisam ser submetidas a controle rigoroso. Essas sessões não visam trazer conforto ou consolo; buscam a prova da sobrevivência do espírito. Caem no campo das ciências e precisam seguir seus métodos e técnicas. Obviamente, uma sessão de materialização não deve ser utilizada para levantar fundos para obras assistenciais; ou aproveitar o Espírito materializado (com que dificuldades!) para proceder a curas, dar passes etc.

As verdades da Ciência são, de fato, relativas, mas representam o conceito atual do assunto. O Espiritismo deve acatar as explicações e manter uma seqüência de teorias lógica e racional. É postulado que Kardec sempre

defendeu: "Os fatos que a ciência demonstra peremptoriamente não podem ser negados por nenhuma crença religiosa. A religião ganha tanta autoridade, acompanhando a ciência em seus progressos, tanto quanto a perde, caprichando em ficar atrás, ou repelindo verdades científicas em nome de dogmas, que jamais poderão prevalecer contra as leis naturais, nem principalmente anulá-las." (Obras Póstumas — 1.ª parte — Manifestações de Espíritos — item 7.)

A mesma opinião esposou Gabriel Délanne: "O Espiritismo dá-nos a conhecer a alma; a ciência nos descobre as leis da matéria viva. Trata-se, portanto, para nós, de conjugar os dois ensinamentos, mostrar que eles mutuamente se auxiliam, se completam, tornam-se mesmo inseparáveis e indispensáveis à compreensão dos fenômenos da vida física e intelectual, por isso que de uma tal concordância resulta, para o ser humano, a mais esplêndida de quantas certezas lhe seja facultado adquirir na Terra." (A Evolução Anímica — Introdução — Gabriel Délanne — Edição F.E.B.)

É preciso que façamos desaparecer a idéia de antagonismo entre Espiritismo e Ciência. A verdadeira Ciência não hostiliza o Espiritismo, pois ela não é sectária, não se manifesta ao sabor de opiniões pessoais. Por sua vez, o Espiritismo não pode ir contra a Ciência, pois é nela que ele buscou as bases objetivas de sua doutrina e, de acordo com ela, estabelecerá as novas explicações dos fatos psíquicos.

Não confundamos a opinião individual de alguns com as verdades científicas. Ninguém tem o direito de se revestir com o manto da Ciência para atacar pontos de vista filosóficos, inteiramente fora de sua alçada. Um químico, por exemplo, deve ter sua opinião respeitada e acatada, desde que fale dos assuntos da sua especialidade, mas,

quando se propõe a formular teorias e dogmatizar sobre religião, o faz sem nenhuma autoridade. Assim, também as religiões não têm competência para refutar teorias científicas, quando se trata de questões de ordem material.

Aproximação Ciência — Espiritismo

O Espiritismo busca sempre a prova daquilo que afirma e ensina. Algumas explicações ainda permanecem no terreno das hipóteses, mas chegará um dia em que todos os fenômenos espirituais serão perfeitamente elucidados. Muitos fatos, cujas causas, até há pouco tempo, eram desconhecidas, hoje se explicam com facilidade, pois a Ciência evoluiu, possibilitando-nos comprovações novas. Nada há contra as leis sábias da natureza, nada ilógico ou absurdo. Tudo tem sua razão de ser, tudo segue leis inflexíveis e eternas.

As novas conquistas no campo da Física atômica e as concernentes ao estudo das radiações e do magnetismo constituem valioso passo da Ciência, aproximando as concepções espíritas das teorias científicas sobre vida, matéria e energia. Vejamos um exemplo: Muito tempo antes de a Ciência admitir a unidade da matéria, já o Espiritismo o afirmava, através das revelações dos Espíritos Superiores. Só após 4 ou 5 décadas, é que a Ciência oficial chegou a esta conclusão admirável: matéria e energia são uma única e mesma coisa, apresentando-se em graus de concentração diferentes. Todos os corpos são formados dos mesmos elementos; todos são constituídos de pequeníssimas partículas — prótons e elétrons (além de outras descobertas mais recentemente), dotadas de cargas elétricas.

Essa unidade da matéria, reconhecida pela Física em fins do século passado, já era afirmada no primeiro livro

de Kardec — "O Livro dos Espíritos", cuja primeira edição saiu a 18 de abril de 1857. Encontramos aí a exposição da unidade da matéria: "A matéria é formada de um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos; são transformações da matéria primitiva. As diversas propriedades da matéria são modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união e em certas circunstâncias." ("O Livro dos Espíritos" — Capítulo II — itens 30 e 31.)

Quando os Espíritos falam em "moléculas elementares", evidentemente se estão referindo às partículas intratômicas, pois os termos elétrons e prótons só foram criados muito mais tarde.

No começo deste século, tendo os cientistas descoberto os corpos radiativos e observado a transformação do rádio, urânio, cobalto, em emanções, foi-se obrigado a admitir a desagregação da matéria, transmutando-se em energia. Todo corpo radiativo que produz energia o faz à custa da sua própria substância. Após certo tempo (milênios), esse corpo se terá desagregado. As partículas que o constituíam se desprenderam, indo constituir vários tipos de radiações.

Essas constatações vieram refundir, completamente, os conceitos básicos da Física, e não poderia persistir a noção de dualidade entre matéria e energia. Já se tornou possível a condensação de energia para obter matéria. Por isso, tomou-se possível explicar as materializações dentro de conceitos científicos.

A Biologia, a Bioquímica e a Neurofisiologia, por outro lado, aventuram-se, hoje, em concepções quase transcendentais, de tal forma que muita teoria moderna seria tida, há algumas dezenas de anos, como elocubração de cérebros doentios. Hoje se sabe que o funcionamento de todos os órgãos é acompanhado de modificações no seu estado eletromagnético. O estudo dessas modificações permitiu

obter dados interessantíssimos sobre a normalidade e a função dos órgãos, tendo-se verificado que as partes doentes apresentam transtornos no seu equilíbrio eletromagnético. A eletrocardiografia, destinada a estudar o estado elétrico do coração nas várias fases do seu trabalho, é ótimo processo para verificar certos distúrbios. Não há, atualmente, clínica alguma, onde não se use o eletrocardiograma para o diagnóstico das moléstias cardíacas. Também já se conseguem medir as variações do potencial elétrico do cérebro em atividade. O gráfico obtido chama-se eletroencefalograma (EEG). Os casos de epilepsia pouco típica são assim diagnosticados, bem como tumores cerebrais e muitas outras patologias.

Todos esses progressos vieram-nos mostrar quão íntimas são as inter-relações entre o mundo do ponderável e o do imponderável. Vieram provar que os cientistas precisam lançar suas vistas para um campo imensamente maior, buscando as causas e as leis de fatos ainda tão pouco conhecidos. Vieram afirmar que fenômenos inacessíveis aos nossos sentidos se realizam, obedecendo a leis sábias.

As novas descobertas abriram um campo maravilhoso às pesquisas. Estamos num ponto em que Ciência e o Espiritismo se aproximam em suas idéias mestras. A Física moderna, em seus ousados vôos em pleno domínio do infinitamente pequeno e do imponderável, já toca às raias da Metafísica. Os velhos tabus científicos ruíram ao sopro das maravilhosas conquistas das várias Ciências. O Espiritismo, por seu lado, consolida-se em sólidas bases experimentais, procurando, ao lado de sua Filosofia profunda e consoladora, acompanhar os progressos científicos.

Entretanto, que de dificuldades há, ainda, a vencer! Se a comprovação de qualquer fato é muito trabalhosa, exigindo variadíssimas observações, sendo preciso compará-las

e excluir as causas de erro, que não se dirá com relação ao estudo dos fenômenos espíritas? Temos de jogar aqui com fatos diferentes dos físico-químicos, exigindo condições especialíssimas. Os fatos espíritas, como quaisquer outros, só poderão realizar-se, quando certas condições forem preenchidas.

Os fenômenos químicos, só se obtêm em laboratórios, quando existem condições de temperatura e pressão e usando reagentes em proporções certas. Em uma reação, sabemos o que vamos conseguir, pois usamos drogas em quantidades adequadas e as outras condições precisam ser obedecidas. Nas manifestações espíritas intervêm seres pensantes, de proceder independente da nossa vontade. Por isso, o resultado de uma pesquisa, em que intervêm espíritos desencarnados, não está sujeito à vontade dos experimentadores. Se hoje podemos conseguir fenômenos maravilhosos, amanhã eles poderão falhar totalmente. Isso pude observar repetidamente, quando participei de numerosas sessões de materialização (1945 a 1960). Em um núcleo que se reunia na Rua Alfredo Pujol, em Santana, onde se materializava a "Irmã Noiva", tínhamos essas alternâncias — sessões com resultados espetaculares, entremeadas com outras, em que praticamente nada se conseguia. O número de pessoas era reduzido, permitindo controle bom.

As Restrições dos Materialistas

Os materialistas, não admitindo o Espírito, estão habituados a relacionar os sentidos exclusivamente aos órgãos do nosso corpo. Assim, sem olhos, não seria possível a visão; sem ouvidos, não existiria audição. Todavia, dentro da própria Ciência oficial, vamos encontrar fortes exceções a essa teoria. O estudo cuidadoso do sonambulis-

mo e do hipnotismo revelou-nos muitas manifestações que escapam inteiramente a essa subordinação sensorial.

Citemos apenas dois casos:

Délanne, no livro "O Espiritismo Perante a Ciência" (2.ª parte — Capítulo II), refere o caso de um abade que, durante a noite, levantava-se e punha-se a escrever. Alguns amigos, tomados de curiosidade, seguiram-no e verificaram que ele escrevia com os olhos fechados. Interpuseram um grande cartão entre o rosto do abade e a escrita, o que não impediu a continuação desta. Terminada uma página, ele a "relia", sempre com os olhos fechados, e corrigia, com precisão admirável, as palavras erradas. Estamos diante de um caso em que a visão se realiza sem o intermédio dos olhos.

Rostan, no Dicionário de Ciências Médicas, citado por Délanne, relata as experiências com uma pessoa que era capaz de dizer as horas de um relógio, colocado atrás de sua cabeça. Para evitar a possibilidade de telepatia, os experimentadores giravam os ponteiros do relógio, sem que se ficasse sabendo em que ponto eles haviam parado. Assim, se ninguém soubesse as horas e minutos, não poderia haver a transmissão do pensamento. Pois bem, esse sensitivo, possuidor da capacidade de clarividência, lia o mostrador com precisão.

Nos casos citados, somos levados a admitir algo que vê, fora dos limites corporais. É o Espírito encarnado, ou alma. Nas pessoas comuns, a visão se realiza pelos olhos, porém pode prescindir deles. É o caso do sonambulismo e do hipnotismo, em que se podem liberar os poderes da clarividência, uma atividade anímica.

No indivíduo normal, o corpo só funciona dentro de certos limites. Além deles, quando os sentidos já se tornaram insuficientes, temos de recorrer aos aparelhos para o estudo dos fenômenos e de suas leis. Quando não é pos-

sível a experimentação com aquilo que é palpável e mensurável, faz-se mister empregar mais a fundo o raciocínio.

Nossa retina não percebe os raios ultra-violeta, os raios X, mas os aparelhos de laboratório os registram. Os raios X sensibilizam as chapas, os ultra-violeta queimam a pele e aumentam a ação de certas drogas. Não os vemos, mas conhecemo-los pelos seus efeitos. Assim, são os Espíritos. Sabemos que existem, porque dão provas de sua individualidade. Manifestam-se através dos médiuns, e a objetividade do fenômeno esplende em toda a pujança nas sessões de voz direta e de materialização, em que o Espírito revela sua personalidade nas maiores minúcias, desde o timbre da voz até a demonstração de sua cultura.

Assim como admitimos a existência das radiações, sem nunca as termos visto; assim como conhecemos a constituição do átomo, através de provas indiretas; assim também somos forçados a aceitar a existência dos Espíritos desencarnados e sua comunicabilidade, por causa da multiplicidade de provas que nos proporcionam.

É patente a dificuldade que encontram os materialistas no campo do psiquismo humano. Vejamos como se explica a percepção do mundo exterior. Sabe-se que os excitantes externos (luz, odores, calor etc.) são recebidos, no corpo humano, por órgãos especializados, situados nas extremidades periféricas dos nervos sensitivos. Conhecem-se bem esses órgãos receptores — corpúsculos táteis e gustativos, órgãos da vista e da audição etc. Conhece-se, **perfeitamente**, o trajeto dos estímulos na substância nervosa, até chegar ao cérebro. Sabe-se a que regiões cada sensação vai ter. O que não se sabe é como essa sensação se transforma em percepção; como o influxo nervoso se torna conhecimento; como se dá, enfim, aquilo que se costuma denominar "espiritualização da sensação". Nesse ponto, reside grave falha da explicação mecanicista dos processos mentais: fica-se obrigado a atribuir a uma cé-

lula, mutável e instável, a capacidade de espiritualizar as sensações e elaborar as idéias, juízos e raciocínios. É como se quiséssemos atribuir às teclas de um piano a capacidade de compor e executar as mais finas melodias, só para poder negar a presença do pianista!

E a memória, como a explicam os mecanicistas materialistas? Por quais processos particulares da célula nervosa as impressões que ela recebe ficam armazenadas, permitindo o afloramento à consciência dos fatos antigos? Vibração molecular, segundo Moleschott. Cada impressão nervosa comunicaria aos componentes da célula uma vibração particular; mais tarde, esta vibração conservada permitiria ao indivíduo a revivescência da imagem. Mas sabemos que as moléculas formadoras das células de nosso corpo continuamente se renovam, mesmo as que constituem as células nervosas (como unidades, estas não se renovam). Como poderá permanecer a memória dos acontecimentos, se a imagem deles estava gravada em moléculas que já se foram?

Há, entretanto, cientistas honestos que reconhecem as insuficiências das teorias que não consideram a alma. O grande neurologista francês Paul Cossa, em seu livro "Fisiopatologia do Sistema Nervoso" (Masson editores — 1936 — Paris), estudando as bases fisiológicas da atividade psíquica, à página 670 — 4.^a parte, diz o seguinte: "Mas quando, ao fim de um longo estudo, vemos os fatos se oporem uns aos outros, como não ser tentado a concluir pela única possibilidade que resta, ou seja, pela hipótese? Basta-nos ter entrevisto que a explicação espiritualista não era nem mais gratuita, nem menos sensata do que a explicação mecanicista." "Estas células (cerebrais) se contentam em transformar em atividade nervosa aquela energia calórica ou química que recebem? Ou melhor, não tomando senão um suporte nessas formas banais, materiais de energia, serão os neurônios capazes

de uma atividade especial, fora de proporção com elas, quanto à intensidade, fora de comparação quanto à natureza? É impossível responder a esta questão senão por um postulado metafísico."

Analisando o pensamento desse grande neurologista, sentimos vivamente que, até na Ciência, que se gaba de objetiva, muitas vezes só se pode responder a uma questão com postulados metafísicos, com conjeturas tão ou mais metafísicas, quanto as dos espiritualistas.

Espiritualização da Ciência

Schwartz (1974), entre os axiomas básicos da Ciência, coloca o seguinte: "O conhecimento científico libertará o homem da ignorância, da superstição e dos males sociais." (A inflação da técnica: o declínio da tecnologia na sociedade moderna — São Paulo — 1974.)

Entretanto, o saber pelo saber foi substituído pelo saber que dá frutos e rendimentos. A Ciência tornou-se independente da Filosofia e da Religião, mas veio aceitar a proteção e o domínio do sistema econômico dominante. Há, por exemplo, grande estímulo financeiro para a produção e descoberta de novos produtos farmacêuticos, fertilizantes, detergentes etc.

Bunge, em postura fechada e dogmática, coloca como quimera a comunicação com outras pessoas, sem empregar os sentidos, já que isto implicaria o reconhecimento de componentes não-físicos no homem. (La investigación científica, su estrategia y su filosofía — Barcelona — Abril de 1972.) Mas sabemos que os chamados milagres ocorrem, não por suspensão ou criação de leis cósmicas e, sim, por ação de leis pouco conhecidas pela Ciência. Geralmente são desprezados devido à impossibilidade de confirmação, através da comprovação científica ortodoxa.

Esperávamos que, no mundo científico atual, as idéias se imporiam pelo peso das evidências, mas isto só ocorre quando elas (as idéias) são mera ampliação ou detalhamento das velhas teorias. Todavia, quando elas vêm renovar fundo, são repudiadas pelo comodismo e pelas chamadas autoridades científicas.

O método científico só será fértil para o progresso da humanidade, e não mera tecnologia a serviço do poder econômico, quando cuidar, com o rigor e a objetividade necessários, não só dos fatos experimentais, mas também, e principalmente, da orientação ética e espiritual das pesquisas.

A Ciência se diz neutra, mas deixa de o ser, quando se recusa a tomar conhecimento da parte espiritual.

J. Bonilla Castillo publicou o "Relatório preliminar sobre fundamentos do método científico, suas limitações atuais e uma proposta para seu enriquecimento" — EPAMIE — Belo Horizonte — 1984. Nesse relatório, admite ele uma terceira dimensão da Ciência, a espiritual. Sua razão de ser não seriam as subvenções, os auxílios de indústrias ou de governos, mas a motivação caberia ao Espírito imortal. Para Castillo, é necessária a espiritualização dos métodos de pesquisa, pela luta em prol de uma autêntica realização humana.

O principal motivo para espiritualizar os métodos de pesquisa é evitar o mau uso deles, que leva à construção das bombas atômicas e à destruição da natureza. O homem está sujeito a um novo Deus: o progresso material, que promete o máximo de bem-estar físico, que produz um número, cada vez maior, de bens de consumo, de comodidades e facilidades, mas que esqueceu, por completo, todos os problemas do Espírito imortal. Não podemos esperar que uma epidemia de sensibilidade, de ética e espiritualidade contagie, subitamente, tecnólogos e cientistas. Mas devemos lutar no sentido do verdadeiro

progresso, que é concomitantemente material e espiritual, para **que** a humanidade, cheia de bens materiais, mas cada vez mais angustiada e desequilibrada, possa ter um objetivo maior, meta de progresso que transcende a encarnação atual.

O Espiritismo tem procurado ser um traço de união entre a Ciência, a Filosofia e a Religião. É para isso que ele veio, e Kardec assim o definiu — uma ciência com conseqüências morais. Não uma religião a mais, férrea, fechada, dogmática, que cria multidões de místicos e de fanáticos. Não uma Filosofia de gabinete, porém uma Doutrina de enormes conseqüências religiosas e sociais.

CAPÍTULO IV

ESPIRITISMO E RELIGIÃO

Religião e Ciência Entrelaçadas

Se estudarmos a evolução do pensamento humano e o aparecimento de novas teorias entre os vários povos da Terra, desde os mais atrasados até os civilizados, veremos que todos eles tiveram suas religiões. Podemos mesmo dizer que o sentimento religioso é inerente a todas as pessoas de qualquer raça que sejam ou de qualquer grau de instrução. As concepções religiosas estão, naturalmente, de acordo com o grau de evolução e de conhecimento dos povos. Assim é que as idéias religiosas dos povos selvagens são pueris e primitivas. Ressentem-se da falta de cultura e representam a objetivação do seu modo de pensar.

À medida que os povos vão evoluindo, seus conhecimentos aumentam e as idéias tornam-se mais elevadas, despindo-se, paulatinamente, das superstições, das crenças, e tornando-se as teorias cada vez mais lógicas e mais de acordo com a razão.

Certas religiões, analisadas hoje por quem já atingiu um elevado conhecimento dos fenômenos da natureza, não podem deixar de parecer absurdas e mesmo nocivas. A tendência para explicar, por intervenções sobrenaturais, os fatos mais corriqueiros da natureza, como chuvas, ventos e trovões, tendência essa dos povos d'antanho e encontrada hoje entre seres não esclarecidos, impressiona de modo muito desagradável ao homem do século XX, ho-

mem que desenvolveu ao máximo suas capacidades intelectuais e aquisitivas e que aprendeu a verificar nos fenômenos naturais a existência das sábias leis que os regem.

Esse homem, hoje como ontem, é posto frente a frente com as mesmas interrogações sem resposta e se desespera por ver quantas religiões passaram, sem dar uma explicação cabal dos enigmas da existência. Desespera-se por ver quantos templos diferentes foram semeados por toda a parte, sem conseguir trazer aos corações aquele lenitivo que é a certeza positiva do seu destino. E esse homem chega a pensar que as religiões foram inventadas para enganar os homens, como se elas fossem um anestésico que apenas diminuísse a dor de um instante para reaparecer mais forte depois.

Entretanto, todas as religiões tiveram um papel a desempenhar. Não era possível que um selvagem tivesse o mesmo modo de pensar e encarar o universo que o homem de hoje, e é por isso que suas idéias eram tão imperfeitas.

Nas religiões primitivas, algumas verdades estão ofuscadas peia aluvião de conceitos descabidos, que vêm desnaturar o conceito inicial. Frequentemente, o culto domina, por atender mais aos sentidos, e a essência da religião torna-se coisa secundária. Nesses casos, a religião desnatura-se e perde o valor, pois os adeptos passam a interessar-se apenas pelo culto externo.

"O que se faz preciso, diz Emmanuel, é estabelecer a diferença entre religião e religiões. A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios; dignas de todo o acatamento, pelo sopro de inspiração superior que as fez surgir, são como gotas de orvalho celeste, misturadas com os elementos da terra em que caíram."

O próprio Camille Flammarion, que, pelo seu espírito científico, sempre batalhou pela racionalização da nossa crença, enaltecendo o valor do Espiritismo científico, assim se expressa, à página 33 do seu livro "A Morte e o Seu Mistério" — Vol. I: "As religiões desapareceram, mas a religião fica: pesquisa as condições da imortalidade."

Pelo fato de as religiões não terem conseguido evitar até hoje as guerras e as atrocidades, não podemos inculcá-las como responsáveis por esses morticínios. A Ciência, também, não impediu a eclosão das barbáries, embora tivesse levado o intelecto humano a cumeadas majestosas. Como fato lamentável, o máximo aperfeiçoamento guerreiro coincidiu com o máximo desenvolvimento científico. Seria razoável culparmos os cientistas pelo desenvolvimento moderno da indústria de guerra? Absolutamente, não. A Ciência não tem culpa de os homens serem egoístas, maus e ambiciosos, e terem aproveitado as suas descobertas grandiosas, para aperfeiçoarem os meios de morticínio e destruição. Assim como não podemos culpar a Ciência, assim também não se pode dizer que as religiões tenham sido nocivas. Não conseguiram despertar, no homem, os verdadeiros sentimentos de fraternidade. Foram impotentes para tanto, mas desempenharam papel razoável, conseguindo, às vezes, pelo temor, evitar que os homens se entregassem a todos os vícios. Tiveram os seus mestres, que vieram trazer maravilhosos ensinamentos, eternizados, apesar da intromissão dos rituais e das modificações feitas nas doutrinas pelos próprios sacerdotes, empolgados pela sede de poderio. Esses ensinamentos foram verdadeiros faróis, a iluminar a trajetória de muitas raças isoladas do resto do mundo (como no Himalaia).

Perpassando a história dos povos, veremos aparecer surtos de idéias que determinam grande aperfeiçoamento na Filosofia, indo depois sendo deturpados e caindo no

esquecimento. Entre os selvagens, já há um instinto religioso, porém não passa de uma preocupação do sobrenatural. O selvagem observa a natureza e sente que há um poder superior ao seu, poder que domina as águas e a terra e que pode destruir, num ápice, toda a sua obra. Temeroso, prostra-se e adora o fogo, o raio, o trovão, a lua, o sol. Isso não é ainda religião, pois não há noção de moral, não há um código ético que ensine aos homens a serem bons e solidários. Aquela adoração não passa de uma vaga intuição da vida extracorpórea e da existência de seres mais poderosos que os humanos. Pelo atraso dos povos, não se coordenam as idéias, não se estratificam as noções e nada há senão temor e misticismo.

Num grau de evolução um pouco maior, surgem certas crenças mais precisas, já se delineiam algumas concepções religiosas, e o homem procura encontrar na natureza cu nos antepassados os seus mentores e deuses. Aparecem, então, o naturismo, o fetichismo e o totemismo. O naturismo consiste na adoração de objetos, que se supõem dotados de sentimentos iguais aos dos homens. O fetichismo é o culto de certos objetos inanimados, formando-se a crença de que os espíritos estão ligados a esses objetos, representando-os simbolicamente. Os povos adeptos do totemismo adoram deuses escolhidos entre antepassados e animais, seres esses que são considerados protetores da tribo ou do povo. É o caso da adoração do boi Ápis, entre os egípcios. Como vemos, não há nada de racional ou científico, buscando os indivíduos objetivar todos os elementos do seu culto em coisas materiais, dada sua impossibilidade de fazer abstração.

Bonemère diz que, se livrássemos essas crenças das superstições inevitáveis, poderíamos chegar ao exercício da virtude e à observância da moral mais severa. Isto não se realiza em tais povos pela ausência de todo de-

envolvimento intelectual e, dizemos nós, por se tratar de espíritos ainda pouco evoluídos.

. Observando ainda a evolução do pensamento religioso, veremos aparecer o politeísmo e o panteísmo. No primeiro, cultuam-se vários deuses. É o caso da Grécia e da Roma antigas. O panteísmo, segundo a definição de Dupouy, "é a religião que admite Deus e os seres como formas diferentes e inseparáveis da existência universal. O ser infinito produz seres finitos, saindo do seu seio e para ele voltando, sem cessar". Se compararmos tais idéias com a concepção de Deus dos ocultistas e teósofos de hoje, encontraremos grande semelhança. Essa idéia panteísta veio-se imiscuindo em filosofias várias: gregas, medievais e mesmo modernas. Alicerçando-se sobre ela, foi que Spinoza construiu muitas de suas teorias. A Codificação, que aceita um Deus criador de tudo o que existe, rejeita o panteísmo, mesmo um panteísmo com roupagem nova, o assim chamado panteísmo espiritualista.

De entremeio com o politeísmo medrou, entre gregos e romanos, o antropomorfismo, atribuindo à divindade os sentimentos, paixões e atos dos homens. Ao mesmo tempo, desabrochava no Oriente, com toda pujança, a filosofia bramânica, ou bramanismo. Dos ensinamentos de seus grandes mestres dimanaram as verdades profundas da imortalidade e a moral que visava enobrecer e alevantar os sentimentos dos homens, fazendo-os cientes de sua responsabilidade. Assim, tornou-se a Índia o berço das religiões e das filosofias.

No Shasta Bad, o livro sacro dos indus, há pérolas de grande valor. Começa assim: "Deus é um criador de tudo, sem começo, nem fim. Governa toda a criação por uma providência geral, resultante de seus desígnios eternos. Não busquemos a essência e a natureza do Eterno, que é um. Tua pesquisa seria vã e culposa. Dia e mais dia, noite

e mais noite, adores seu poder, sabedoria e bondade. O Eterno quis, na plenitude do tempo, comunicar sua essência e esplendor a seres capazes de os sentir. Eles não existiam. O Eterno quis e eles existiram. O Eterno criou Brahma, Vichnou e Shiva."

Krishna, 2100 anos antes de Cristo, dizia verdades sublimes como estas: "O corpo, envoltório da alma, é uma coisa finita, mas a alma que o habita é invisível, impondável, eterna. Quando o corpo se dissolve, a alma se evola para a região dos seres puros. Quando a paixão a domina, ela vem de novo habitar a Terra."

Antes de Cristo, 700 anos, surgiu na Ásia a personalidade luminosa de Budha, que veio para orientar os povos e "recolocar a humanidade na senda da moral e da lei divina". O budismo aceitava a existência de espíritos superiores, despidos de todo resto material, situados na região sem forma. Outros permanecem, ainda, jungidos à matéria, vivendo sob sua influência, não podendo entrar nas esferas superiores; são, ainda, submetidos às reencarnações e habitam a região da forma. O budismo ensina que "a causa do mal, da dor, da morte, é o desejo. O fim elevado da vida é arrancar a alma aos laços do desejo. A ignorância é o mal soberano e dele decorrem o sofrimento e a miséria. O melhor meio de melhorar a vida é adquirir o conhecimento".

Na China, Confúcio estabeleceu uma filosofia baseada na austeridade dos costumes, culto dos ancestrais e espíritos superiores. Admite um ser todo-poderoso, presidindo à ordem do Universo. "A virtude deve ser comum ao trabalhador e ao monarca. Faze ao próximo como a ti mesmo. Esquece as injúrias, mas nunca os benefícios."

Respigamos até aqui alguns conceitos elevados de religiões antiquíssimas, brilhantes, que iluminaram cérebros privilegiados de mestres do passado. Contudo, bramanismo e budismo, filosofias belíssimas, corromperam-se em

contato com as crenças indígenas. Seus monges deturparam-lhes os ensinamentos. Hoje dominam as cerimônias, os rituais. A essência da religião foi ofuscada pelo culto externo.

Ainda hoje, filosofias e religiões há que buscam nessas doutrinas seus fundamentos, como o esoterismo, o ocultismo e a teosofia, nas quais perpassa um intenso sopro de orientalismo, nem sempre benéfico, por estar desfigurado. No seio da Teosofia, que muito tem do bramânico construtivo e edificante, nasceu, por uma aberração teratológica, o krisnamurtismo negador e iconoclasta. Rompendo o círculo de ferro dos dogmatismos obsoletos, a doutrina de Krisnamurti embriagou-se com a idéia libertária e passou a negar o cristianismo.

Quando o homem, necessitando de espiritualidade, admite e proclama a crença em um Pai de bondade e justiça, a quem elevamos o pensamento nas preces sinceras, os adeptos de Krisnamurti e os negadores do valor da prece dizem: "Homem, cessa tuas orações, porque elas nada valem. Dos céus não cairá pão aos que têm fome, nem roupa aos que têm frio. Ninguém te aliviará, pois Deus é o próprio Universo. Tu não terás o consolo de uma prece, pois estarás pedindo a ti mesmo." Que contraste enorme com a Doutrina de amor de Jesus de Nazaré! Jesus, o mestre amado, nunca deixou uma viúva sem consolo, um doente sem um alívio, um transviado sem um conselho. E, quando os homens, vaidosos, esquecidos de seus erros, quiseram apedrejar uma pecadora, Ele os fez sentir que não havia um sequer que não tivesse os seus defeitos. "Vamos, atira a primeira pedra!"

"O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez. Elucida os pontos obscuros do ensino

cristão, de tal sorte que, aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldades, com o auxílio desta doutrina. Vêem melhor o seu alcance e podem distinguir a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior; já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino." (A Gênese — Cap. I n.º 41.)

Deolindo Amorim, no seu livro "O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas", no capítulo II — O Evangelho e a Interpretação Espírita, diz: "O Espiritismo preocupa-se fundamentalmente com a substância moral do Evangelho, sem descer aos debates secundários nem às intermináveis demandas históricas. A exegese evangélica é tão vasta, tão complexa, que envolve problemas lingüísticos, geográficos, psicológicos etc, ao passo que os ensinamentos morais de Jesus, em sua pureza, estão acima dos sofismas ou das agilidades verbais. O Evangelho, praticamente falando, é um código de vida." "A moral do Evangelho é realista, por excelência. A linguagem de Jesus é iluminada pela sabedoria divina, é a linguagem da verdade. Justamente por isso é que a moral do Evangelho combina perfeitamente com os objetivos da Doutrina Espírita." (Página 51.)

"O Espiritismo é, como afirma Allan Kardec, uma Doutrina filosófica de efeitos religiosos. Isto quer dizer que o Espiritismo tem um aspecto religioso, como tem um aspecto científico e um aspecto filosófico." (Página 84.)

"Allan Kardec frisa bem que o Espiritismo não é uma *religião constituída*. O qualificativo *constituída* não exclui a idéia religiosa. Há muita diferença entre culto organizado e conseqüências religiosas. O Espiritismo tem, indiscutivelmente, conseqüências religiosas, e muito profundas, mas a sua esquematização, a sua índole e a sua conceituação básica não comportam qualquer forma de culto material, nem sacerdote, nem chefes carismáticos." (Página 86.)

Através do Espiritismo, sabemos que o nosso passado se apresenta como causa dos padecimentos atuais. Da resignação com que o suportamos, advirá o progresso de nosso Espírito. Tenhamos em mente que nosso futuro depende do que fizermos hoje. Nessa explicação espírita há um encadeamento lógico entre o passado, o presente e o futuro; o passado, manifestando-se em nós pelas tendências e aptidões. O futuro, estamos hoje construindo e dependerá de nossas ações.

O Espiritismo não veio para derrogar a moral cristã, mas para fortalecê-la. Um Espiritismo que não aceitasse os princípios morais do cristianismo não seria mais Espiritismo, porque não passaria de uma observação de fatos, guiada, apenas, pela curiosidade do sobrenatural.

O Espiritismo não veio para arrancar de nossa alma a idéia de um Deus criador, Pai de infinita justiça. Veio para trazer aos homens inteligentes a explicação lógica da vida, e é por isso que ele se vale do conhecimento científico, aplicado ao estudo do extrafísico. À humanidade de hoje não basta uma fé cega. O Espiritismo é o exemplo vivo de religião e ciência entrelaçadas, colaborando, mutuamente, na pesquisa da verdade.

Emmanuel, em uma de suas consoladoras mensagens, esclarece-nos: "Nenhuma teoria científica, nenhum sistema político, nenhum programa de reeducação podem roubar do mundo a idéia de Deus e da imortalidade do ser, inata no coração dos homens. As ideologias novas também não conseguirão eliminá-la. A religião viverá entre as criaturas, instruindo e consolando, como um sublime legado.

No dia em que a evolução dispensar o concurso da religião, para a solução dos grandes problemas educativos da alma do homem, a humanidade inteira estará integrada na religião, que é a própria verdade, encontrando-se unida a Deus, pela fé e pela ciência então irmanadas."

CAPÍTULO V

DOCTRINA E PRÁTICA

As Deturpações Invadem o Espiritismo

Até aqui, focalizamos alguns aspectos das bases filosóficas e científicas do Espiritismo, procurando mostrar a segurança e a clareza de seus ensinamentos. Vimos que ele pode enfrentar, com tranquilidade, as contestações dos agnósticos e que acompanha a Ciência em seus progressos.

Entretanto, quando procuramos acompanhar sua parte prática, quase sempre nos decepçamos. Tememos que esteja ocorrendo, no movimento espírita, o que aconteceu com o cristianismo primitivo. Enquanto ele contava com número reduzido de crentes e era perseguido, até com a tortura física e o sacrifício dos cristãos, foi puro, espiritualizado, como o Cristo nos legou. Mas, no momento em que foi admitido pelo poder temporal de Roma e as massas ignorantes o aceitaram, estas foram impondo suas crenças, suas superstições, trazidas do fetichismo e do paganismo. Foram nele infiltrando seus rituais, explicações infantis ou nebulosas, solenidades, mistérios, palavras exóticas. À medida que o ritual avassalava a nova igreja, aliada agora de reis e imperadores, a essência do cristianismo foi sendo relegada a segundo plano e, afinal, esquecida.

Com o Espiritismo há o perigo de acontecer o mesmo. Enquanto ele contava com ínfima minoria da população e seus profetas eram injuriados e atacados por pastores de outras religiões, só os mais corajosos e com boa base doutrinária ousavam reunir-se nas Casas Espíritas. À me-

dida que a palavra dos Espíritos passou a ser ouvida em toda a parte, à medida que os grandes médiuns começaram a atrair multidões, e os livros espíritas clarinaram ao mundo os princípios da Terceira Revelação, multidões acorreram aos Centros Espíritas. Infelizmente não foram em busca de uma iluminação interior, de uma explicação para as torturantes dúvidas filosóficas, mas de remédio pronto e fácil para todas as mazelas do corpo e do Espírito. Essa grande massa de raciocínio simplista não possuía o menor interesse na Doutrina e, sim, no que poderia obter de imediato e material. Queria encontrar, dentro do movimento espírita, os mesmos rituais e solenidades aos quais estava afeita.

Muitos dirigentes, temendo ficar com as Casas vazias, até hoje vão cedendo, fazendo sempre uma pequena concessão, aparentemente inócua, amanhã outra, e assim por diante. Quando se perceber, a prática mediúnica e as reuniões estarão totalmente deturpadas, com a introdução de vestes especiais, defumações, cantos e hinos, bustos e estátuas, oferendas, títulos nobiliárquicos, "casamentos espíritas", batizados, posições especiais para orar etc.

Pessoalmente, já havíamos percebido essa tendência. Publicamos no "O Semeador", de setembro de 1946, um artigo intitulado "As Deturpações Invadem o Espiritismo". Dizíamos: "As deturpações da doutrina são de duas modalidades: uma, por assim dizer, ingênua, não tem intuito doloso ou segunda intenção; outra, envolve exploração e possui uma finalidade oculta. Na primeira, consideramos: o uso da mediunidade para assuntos mundanos; seu cultivo como rotina e sem orientação; as fantasias referentes às personalidades dos espíritos comunicantes; o cerimonial que se enxerta na prática espírita; o abuso das sessões de passes e de curas; a falta de crítica no relato e na publicação dos fenômenos supranormais; as idéias estranhas ao espiritismo que nele querem ser enxertadas, trata-

se de idéias dogmáticas, esotéricas ou teosóficas. Como exemplo de deturpações dolosas, com intuito de lucro ou de propaganda, encontramos os anúncios de médiuns re-
ceitistas, as falsas operações, as práticas baixas, visando a questões materiais." "Precisam os freqüentadores saber que os espíritos não nos procuram, para tratar de coisas materiais, e, sim, de assuntos espirituais, de interesse comum e universal. Não vêm resolver nossos problemas particulares, mas lembrar-nos de que somos seres imortais em evolução e que devemos cogitar de algo acima das coisas mundanas e passageiras." Isso tudo publicávamos há 41 anos. Será que hoje a situação é melhor ou piorou mais ainda? Deixo a resposta para meus inteligentes leitores.

Deturpações Orientais

Entre as escolas espiritualistas reencarnacionistas, além do Espiritismo, encontramos: Teosofia, Rosa-Cruz, Esoterismo, Krisnamurtismo, para não nos fixarmos nas antigas religiões do Oriente — Bramanismo, Budismo, Taoísmo e outras. Há três tópicos de suas doutrinas, para os quais todas elas convergem: a aceitação da imortalidade do Espírito, a reencarnação e a existência de Deus.

Deolindo Amorim afirma: "Fora das linhas gerais, entretanto, surgem motivos naturais de desencontro, já em relação à maneira de colocar e interpretar alguns problemas de profundidade, já pela diferença de terminologia e ainda pelas disposições internas de cada escola espiritualista." "O Espiritismo não poderia seguir as veredas de nenhuma dessas doutrinas, porque usa outra linguagem, sem símbolo, sem alegoria, sem subordinação histórica nem doutrinária às antigas fontes orientais." "Seus ensinamentos procedem dos velhos troncos orientais, ao passo que o movimento espírita nasceu no Ocidente, após os fatos e

as circunstâncias que deram origem à codificação de sua doutrina, no século XIX." "A doutrina secreta dos Rosa-Cruzes utiliza o simbolismo para explicar os problemas atinentes à alma e à reencarnação, enquanto o Espiritismo, aproximando-se mais da mentalidade ocidental, procura sempre desvendar os mistérios do espírito humano. Seus ensinamentos, por isso mesmo, não têm simbolismo." (O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas — Cap. I.)

Existem numerosas questões em que o Espiritismo e as Doutrinas orientais divergem profundamente. Não é nosso intuito, nem oportuno, fazermos estudo de religiões comparadas. Queremos, todavia, enfrentar apenas três assuntos, dada a frequência com que eles vêm à baila nos estudos doutrinários: o problema da evolução no reino mineral, os elementais e o corpo astral.

Mineral tem vida? Nós, espíritas, respondemos com segurança: não. Kardec, no "O Livro dos Espíritos", livro Primeiro — Capítulo IV — Princípio Vital, logo nas primeiras linhas, diz: "Os seres orgânicos são os que trazem em si mesmos uma fonte de atividade íntima, que lhes dá a vida; nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. São providos de órgãos especiais para a realização dos diferentes atos da vida e apropriados às necessidades de sua conservação. Compreendem os homens, os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são os que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar etc."

Pergunta 66 — O princípio vital é o mesmo para todos os seres orgânicos?

R. — Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte; pois o *movimento da matéria não é a vida*; ela recebe esse movimento, não o produz.

Adiante (pág. 71), encontramos: "Podemos fazer a seguinte distinção: 1.º) os seres inanimados, formados so-

mente de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2.º) os seres animados não-pensantes, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência; 3.º) os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo ainda um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar."

Os que querem admitir vida nos minerais estão confundindo movimentos molecular e atômico, com vida. São duas coisas completamente diferentes, como fica claro nos livros da Codificação e nos Tratados de Biologia.

No livro *Iniciação Espírita**— Tomo VII — Estudo dos Seres e das Formas, encontramos: "Em nosso plano, como já dissemos, a involução cessa no reino mineral e aí a mónada inicia o movimento de volta; como é natural, começa pelas experiências psíquicas menores, transitando de uma família mineral para outra, do granito (?) ao urânio e similares, pontos em que a matéria começa a transformar-se em energia." "A involução é a grande ondulação da queda de espírito para energia e desta para matéria." (!!)

Este trecho é totalmente antidoutrinário, pois, além de admitir 'experiências psíquicas' nos minerais, aceita a involução do princípio espiritual. Um dos princípios fundamentais do Espiritismo é que o espírito nunca regride na escala evolutiva. Pode estacionar, mas retroceder, nunca.

Outra concepção oriental que não é aceita pelo Espiritismo é a dos elementais. "Os elementais são entidades-estados, elementos de transição entre os diferentes planos da vida, ou reinos da Natureza. Nesses planos, a mónada sofre as adaptações necessárias ao prosseguimento de sua evolução de um reino para outro." "Há inúmeras formas de seres elementais, porém os mais comumente citados são os que correspondem aos quatro elementos naturais — ar, fogo, terra e água. Os elementais do ar chamam-se

Nota da Editora: Obra publicada pela FEESP, em 1950, para a "Escola de Aprendizes do Evangelho", e não mais adotada.

silfos; os do fogo, salamandras; os da terra, gnomos, e os da água, ondinas. São seres, cujo trato e aproximação envolvem certo perigo, porque não possuem consciência própria, são dominados por instintos e sentem grande inclinação pelos homens, podendo produzir perturbações físicas e psíquicas bastante sérias." Essas afirmações jogamos para milênios atrás, à época da mitologia greco-romana, à Cabala, aos deuses pagãos e a todo um conjunto de fantasias que a Ciência moderna destruiu por completo.

Vejamos a última das três diferenças de conceitos entre o Espiritismo e as filosofias orientais: os envoltórios do espírito, ou intermediários entre ele e o corpo. Explica Deolindo Amorim {Obra citada — Cap. I): "O Espiritismo vê o perispírito ou corpo fluídico como um todo, embora sujeito às influências que lhe determinem modificações em cada mundo, na razão lógica do progresso ou do retardamento. O corpo astral, que a Teosofia considera inferior, porque é a parte em que se refletem as concupiscências, paixões etc., nada mais é, para o Espiritismo, senão um modo de ser do perispírito, adaptado ao ambiente que lhe é próprio ou plasmado de conformidade com o estado em que se acha o espírito. A inferioridade não é propriamente da matéria que forma o perispírito, pois a matéria é neutra, mas do espírito, cujas vibrações repercutem fortemente no corpo fluídico." "Naturalmente, a divisão do corpo fluídico em três partes — astral, mental e causal — ou em corpo superior e corpo inferior, tem valor na classificação teosófica, mas não se enquadra no contexto espírita."

O Dr. Alberto Lyra, que militou durante muitos anos em Sociedades Teosóficas e Rosa-Cruzes de São Paulo, traz alguns esclarecimentos, no capítulo intitulado "Magia Antiga e Moderna" do livro por nós citado: "Não se deve confundir Magia com as chamadas 'mágicas' dos ilusionistas, dos prestidigitadores, que empregam truques e jogos de mão, com fins de divertimento ou para enganar os in-

cautos. O descrédito em que caiu a Magia, levou-a no arrastão da onda materialista e racionalista, que teve seu ponto de partida com os Enciclopedistas do século XVIII. É a segunda fase do conhecimento da Magia, na qual se negou, pura e simplesmente, a existência de fenômenos e poderes mágicos. Tudo foi relegado para o terreno da superstição, do ilusionismo, da fraude ou do exibicionismo."

"Abriu-se o caminho para que, em 1875, Helena Petrovna Blavatsky e o coronel Henry Steel Oicott fundassem a Sociedade Teosófica, que tornou públicos muitos conhecimentos do antigo Ocultismo, mostrando que ele é, na realidade, o conhecimento e o manejo de poderes latentes do homem e de forças ainda não bem conhecidas da natureza, mantidos, até então, em segredo."

"O pior é que, de uns tempos para cá, acobertaram-se sob o nome de Ocultismo crenças sem fundamento, idéias místicas deformadas ou exageradas, mistificações, e formam-se agrupamentos em que se desenvolvem verdadeiras psicoses coletivas, agravadas com o uso indiscriminado de tóxicos (LSD e outros). Temos compulsado revistas modernas, nas quais os rituais 'ocultistas' não passam de encenação charlatanesca, sob a direção de pseudomagos ou pseudo-iniciados."

"O caso é que não se nega mais, pura e simplesmente, a existência do fenômeno, embora se procure separar a mistificação, o ilusionismo, a superstição, a alucinação e o empirismo, do fenômeno real, ainda incompreensível ou inexplicável."

Voltamos a citar D. Amorim. Reconhece ele o valor que possuem outras doutrinas imortalistas. Diz o seguinte: "Vê-se, assim, que no Espiritualismo, campo imenso e incalculável, coexistem doutrinas com as quais o Espiritismo combina em diversos ângulos e das quais também diverge, quando se discutem aspectos menos pacíficos. Seja por mera questão de palavras, seja por motivo de colocações

filosóficas, a discordância existe, sem destruir a afinidade essencial nas questões mais gerais. Em todas as doutrinas espiritualistas há preceitos muito elevados, pois encerram ensinamentos antigos ou remanescências * da sabedoria de espíritos iluminados. Entretanto, não se pode deixar de reconhecer que as doutrinas, por mais visíveis que sejam as semelhanças, têm aquilo que lhes é próprio, aquilo que marca as diferenciações específicas."

Outras Deturpações Doutrinárias

Resolvemos incluir neste capítulo outras idéias esdrúxulas que se vêm insinuando de permeio com as explicações espíritas. Provêm de fontes as mais variadas possíveis, com múltiplas conotações filosóficas, ou sem base filosófica alguma, fruto apenas da superstição. Torna-se praticamente impossível catalogá-las ou classificá-las. Sua simples enumeração seria tarefa enfadonha e quiçá de escassos proveitos.

Por todos esses motivos, resolvemos dar alguma atenção a apenas dois problemas: Ramatis e os falsos parapsicólogos.

Ramatis

Há cerca de 40 anos, surgiu, no Paraná, um médium até então desconhecido nos meios espíritas daquele Estado, por não militar na Federação ou em núcleos conhecidos. Começou com algumas mensagens, recebidas sempre sozinho em sua residência, atribuídas a um espírito de oriental, cujo pseudônimo adotado foi Ramatis. A que mais aceitação obteve foi "Magia de redenção", já, então, preocupado o autor com os problemas da Magia e com os

Conservamos a expressão original do autor.

habitantes de outros astros. Seu livro "A Vida no Planeta Marte" foi um verdadeiro sucesso. Tornou-se a coqueluche de milhares de espiritualistas. Queriam os crentes saber se os marcianos tinham mãos como as nossas, olhos, nariz, iguais aos nossos, escudos etc. Entende-se o sucesso, conhecendo-se a tendência à fantasia, comum em nosso povo. Já estavam surgindo os filmes americanos de ficção. Ainda, por cima, os livros de Ramatis foram escritos com redação boa, agradável seqüência, e, no meio dos absurdos, muitas noções exatas e conceitos interessantes.

Os livros de Ramatis passaram a ser muito vendidos e lotaram as livrarias e bibliotecas espíritas praticamente do Brasil inteiro. Em muitos Centros Espíritas e Federações vendia-se mais Ramatis do que o total dos livros da Codificação! Diziam: "Kardec está superado, pois temos, agora, as novas revelações de Ramatis."

Felizmente ainda existem pessoas equilibradas e que sabem analisar as coisas. J. Herculano Pires, esse brilhante sociólogo e jornalista, que brindou o mundo espírita com numerosos livros de alto valor, mantinha, no Diário de São Paulo, durante muitos anos, uma coluna com o pseudônimo "Irmão Saulo", lida por espíritas e não-espíritas. Herculano resolveu fazer uma oportuna campanha de esclarecimento, com relação aos livros de Ramatis, publicando numerosos comentários naquele jornal. Reconhecendo o valor intelectual de Ramatis, mas igualmente conhecendo o perigo das idéias exóticas, Herculano classificou-o como espírito "pseudo-sábio". Realmente. "Perigoso não é o expositor ou autor que só diz tolices, vazadas em linguagem obscura, pobre, cheia de erros gramaticais e idéias pueris. Perigoso, sim, é o que expõe certo número de noções exatas, que usa argumentação brilhante, mas introduz, de permeio, idéias erradas e perigosas. Assim, tais idéias têm grande probabilidade de aceitação. É o que acontece com Ramatis."

Vejamos o que diz "O Livro dos Médiuns" — pergunta 296 — Pergunta sobre os outros mundos: "Qual o grau de confiança que podemos ter nas descrições dos espíritos sobre os outros mundos?"

R. — isso depende do grau de adiantamento real dos Espíritos que dão essas descrições. Porque compreendeis que os Espíritos vulgares são tão incapazes de vos informar a respeito, como um ignorante o seria, entre vós, no tocante aos países da Terra. Formulais, muitas vezes, sobre esses mundos, questões científicas que esses Espíritos não podem resolver. Se são de boa fé, falam a respeito disso, segundo suas idéias pessoais. Se são levianos, divertem-se a vos dar *descrições bizarras e fantásticas*, tanto mais que esses Espíritos, tão imaginosos na erradicidade, como na Terra, tiram da própria imaginação o relato de muitas coisas que nada têm de real." Retrato perfeito de Ramatis, traçado 100 anos antes...

Em cada ano, vinha um novo livro de Ramatis. Em 1962, "O Sublime Peregrino", contando a vida de Jesus. A diretoria da Federação Espírita do Estado de São Paulo, preocupada com o rumo que as coisas tomavam, solicitou à Comissão de Doutrina que fizesse um estudo minucioso e desapaixonado sobre esse livro. A Comissão, da qual fazíamos parte, elaborou o seguinte parecer, que foi aprovado unanimemente pelo Conselho Deliberativo da FEESP: "O livro em apreço apresenta algumas facetas interessantes e vários capítulos perfeitamente aceitáveis; todavia, contém erros doutrinários clamorosos à luz do Kardecismo, como os contidos nos capítulos IV e V, que poderão semear a confusão nos meios espíritas. Admite a influência astral sobre as criaturas como força decisiva no seu destino (páginas 36 e 54); admite que os destinos estão traçados há muito tempo (pág. 56); e, pior que tudo, faz distinção entre Jesus e o Cristo, dizendo que 'o Cristo

Planetário' é uma entidade arcangélica, enquanto Jesus de Nazaré foi o seu médium mais perfeito na Terra." (Pág. 62.)

"Ramatis usa, constantemente, imagens e expressões católicas, como: arcanjo planetário, comando angélico, empreitada satânica, angelitude, coletividades satânicas, espíritos diabólicos, 'Salvador dos homens', 'atender à vontade do Senhor', 'a fim de redimir a humanidade' etc. Jesus 'se glorificou pela sua própria morte sacrificial na cruz', 'carregava nos ombros frágeis a cruz das dores e do sofrimento de todos os homens'."

"A todo instante, valoriza a influência dos astros, coisa jamais aceita por Kardec. Introduce conceitos orientais na interpretação da vida de Jesus.

Para que não haja confusões doutrinárias, considera a Federação que a leitura do livro só deveria ser feita por pessoas bem esclarecidas na Doutrina, com capacidade para extrair as noções boas da obra, escoimando-as das graves falhas à luz da Codificação, a fim de que se evitem os perigosos desvios doutrinários, uma vez que a obra não pode ser considerada de teor espírita, face à Codificação Kardecista, por vir profundamente eivada de expressões não-espíritas, essencialmente esotéricas e católicas."

Falsos Parapsicólogos

Com o enorme desenvolvimento da Parapsicologia, em todo o mundo, e por causa do bom conceito granjeado por Joseph B. Rhine e seus continuadores, começaram a surgir, nessa seara, os falsos parapsicólogos e aproveitadores. Pessoas que pouco conheciam do assunto passaram a dar aulas e cursos, regidamente pagos, para grandes assistências de curiosos, ávidos de conhecerem a "última novidade", e depois se intitularem parapsicólogos. Começaram a surgir também as Clínicas que fazem tratamento pela Parapsicologia, algumas delas já processadas por exercício

ilegal da medicina. Como as moléstias mentais e psicossomáticas são extremamente freqüentes em nosso meio, e como o tratamento médico tradicional às vezes não leva aos resultados que os familiares dele esperam, essa multidão de insatisfeitos vai bater às portas das "Clínicas Parapsicológicas", para gáudio, para satisfação de seus donos.

Será que a Parapsicologia tem por objeto tratar de doenças físicas e materiais? Usará ela uma nova forma de mediunismo, com rótulos novos e técnicas convincentes? É o que procuraremos esclarecer, recorrendo a boas fontes.

Busquemos, em primeiro lugar, o Prof. Dr. Valter da Rosa Borges, Presidente do Conselho Regional de Parapsicologia, da 7.ª Região, e Professor de Direito Civil na Universidade Católica de Pernambuco. No Boletim Médico-Espiritista n.º 4 — Julho de 1986, páginas 24 a 39, elucida ele: "A Parapsicologia é a Ciência que tem por objeto o estudo e a pesquisa do fenômeno paranormal." Por enquanto, é uma ciência de investigação:

"A Parapsicologia, oficialmente nascida no célebre Congresso Internacional de Ciências Psíquicas, realizado em Utrecht (Holanda), em 1953, é a sucessora legítima de um vasto e valioso patrimônio fenomenológico, herdado, principalmente, da Metapsíquica. Cautelosamente, os pesquisadores, reunidos em Utrecht, oficializando o nascimento da Parapsicologia, apenas admitiram como cientificamente comprovados os fenômenos da telepatia, clarividência, precognição e psicocinesia, assim como aprovando a classificação proposta por Thouless e Wiesner, dividindo os fenômenos paranormais em duas modalidades: psi-gama, para os fenômenos de conhecimento paranormal, e psi-kapa, para os fenômenos que evidenciam a ação da mente humana sobre o mundo exterior, sem a utilização de qualquer força conhecida."

"No espaço epistemológico da Parapsicologia, a hipótese de Espírito como agente psi é absolutamente desnecessária. A Parapsicologia não nega, nem afirma a existência extrafísica do homem e, por conseguinte, as questões ligadas à sua possível sobrevivência *post-mortem*."

"Sob o ponto de vista da terminologia espírita, a Parapsicologia apenas se ocupa dos fenômenos chamados 'anímicos'. Animismo e paranormalidade são, portanto, sinônimos."

"A vocação para o fantástico, o paralogismo do pensamento mágico, os devaneios do imaginário são armadilhas sutis, capazes de aprisionar, por seu fascínio, as mentalidades de reduzido espírito crítico."

"Muitos são os parapsicólogos que estão desorientados quanto ao objeto da Parapsicologia, concentrando a sua atenção e os seus esforços em áreas que não dizem respeito à investigação parapsicológica."

Como prova do que afirma o Prof. Rosa Borges, está a notícia publicada no jornal "O Estado de S. Paulo", do dia 22 de setembro de 1987: "RIO — Cerca de 400 parapsicólogos estão inscritos no 1.º Congresso Argentino-Brasileiro de Parapsicologia Aplicada, que será realizado de 23 de outubro a 1.º de novembro no Riocentro. O encontro, que tem apoio da Fundação Argentino-Brasileira para a Integração e o Intercâmbio Comercial, Turístico e Cultural, discutirá temas como tarô, piramidologia, psicotrônica, espiritismo, umbanda, terapia do pensamento, neutralização de radiações e magia."

Uma Fundação de caráter Comercial Turístico e Cultural promove um Congresso "científico", no qual serão tratados os mais variados assuntos, desde a magia e a piramidologia até a "terapia do pensamento". É inacreditável!

Analisemos, agora, o que diz J. Herculano Pires, em seu livro "Parapsicologia e Suas Perspectivas" — Edicel — São Paulo: "Parapsicologia é o processo científico de investigação dos fenômenos inabituais, de ordem psíquica e psico-fisiológica."

"É necessário estabelecer uma diferença entre a audácia dos exploradores legítimos e a impostura dos aventureiros. Estes aproveitam-se das confusões naturais e passageiras do desenvolvimento da nova disciplina científica, para mais confundi-la no espírito público, em benefício de seus interesses pessoais ou sectários. A Parapsicologia tem sido vítima desses aventureiros, que o povo não sabe distinguir dos investigadores e dos estudiosos honestos. Arrastam as pessoas dotadas de sensibilidade especial às salas de espetáculo e as exibem às câmeras de televisão, sem o menor respeito pelo critério científico. Dão cursos de Parapsicologia sobre 'comunicações com os mortos' e coisas semelhantes, como se problemas dessa natureza já estivessem resolvidos pela pesquisa parapsicológica, que mal os aflorou ainda."

"Os cursos populares de divulgação parapsicológica são benéficos, quando dados por instituições científicas idôneas, com a finalidade de esclarecer o público e adverti-lo contra as mistificações. Esses cursos não formam parapsicólogos. Apenas informam os seus freqüentadores, quanto aos problemas e aos objetivos da nova disciplina. Quando, pois, um pretense parapsicólogo se propõe a 'ensinar' que a Parapsicologia nega a existência de espíritos, de comunicações espirituais, de princípios religiosos e filosóficos, como o da reencarnação e a existência de Deus, os seus diplomas e certificados não têm sequer o valor de atestado de informação sobre o assunto."

Finalmente, vamos buscar a opinião de um dos maiores parapsicólogos da atualidade — o engenheiro Hernâni Guimarães Andrade. No seu trabalho "As três faces da

Parapsicologia", publicado no Boletim Médico-Espírita n.º 4 — Julho de 1986, diz ele: "A fase parapsicológica propriamente dita começa com Joseph Banks Rhine (1895 — 1980) e sua esposa Louisa Ella Rhine (1891 — 1983), fundadores do 'Laboratório de Parapsicologia', na Universidade de Duke, em 1935. A escola de Rhine interessa-se, atualmente, pela pesquisa das funções paranormais nos homens e nos animais. Embora o interesse inicial das suas investigações tenha partido do estudo do material mediúnico com vistas à sobrevivência, ocorreu, logo a seguir, um maior interesse pelo estudo da função psi (ESP e PK). As demais associações dão menor ênfase à pesquisa da função psi e visam a outras áreas: Poltergeist, desdobramento astral, experiências no leito de morte, comunicação eletrônica com os mortos, macropsicocinesia, reencarnação etc."

"Ao concluir este rápido retrato da face ocidental da Parapsicologia, achamos oportuno acrescentar-lhe um detalhe recentíssimo e inédito: a invasão desta área parapsicológica pela chamada Nova Física. Desde alguns anos, iniciou-se um movimento originado do desenvolvimento da Mecânica Quântica e da Teoria da Relatividade Geral. Físicos como Fritjof Capra, Jack Sarfatti, Fred Allan Wolf, David Bohm e muitos outros estão propondo teorias audaciosas, visando tratar dos problemas da interação mente-matéria, bem como da nossa realidade subjacente, teorias essas que parecem ter implicações com os fenômenos paranormais."

Se analisarmos maduramente as opiniões desses três autores citados, colocados entre os maiores cultores da Parapsicologia no Brasil, teremos condições de responder às duas perguntas por nós propostas no decorrer deste capítulo:

1.ª) A Parapsicologia é uma ciência de investigação, que tem progredido enormemente, mas não tem por obje-

tivo tratar de doenças físicas ou mentais e muito menos montar clínicas de uma falsa medicina. Não há "clínicas parapsicológicas" corretas.

2.º) A Parapsicologia não nega, nem afirma a existência do Espírito imortal. Estuda os fatos paranormais ou anímicos, dentro de critérios científicos e análise estatística. Por enquanto, não se preocupa com as comunicações mediúnicas, por não se enquadrarem em seus métodos de pesquisa. Muito provavelmente, daqui a algum tempo, ela seja obrigada a enfrentá-las, mas jamais da forma chalata-nesca como os falsos parapsicólogos estão tentando fazê-lo.

CAPÍTULO VI

DETURPAÇÕES DA PRÁTICA MEDIÚNICA

Procuramos compilar, nos últimos capítulos, o que de mais importante existe no tocante às deturpações teóricas do Espiritismo, como Doutrina que é. Precisamos estudar agora, embora de maneira a mais sucinta possível, a desnaturação que se faz da verdadeira prática mediúnica, ou seja, do exercício do mediunismo.

Introdução de Rituais

Em todos os livros da Codificação, muito especialmente no "O Livro dos Médiuns", encontramos a condenação das superstições e dos rituais. O Capítulo XXV, sobre as evocações, é rico de ensinamentos, a respeito. Pedro de Camargo (Vinícius), em trabalho muito divulgado, fala que o Espiritismo repudia o ritual, qualquer que seja a forma.

Basta estudar a história das religiões do passado. O bramanismo, o budismo e o cristianismo primitivos, que eram religiões puras, de grande profundidade espiritual, foram sendo avassaladas, invadidas pelo ritual. O ritual acabou predominando, e a essência da religião acabou esquecida, porque o povo gosta de ritual, gosta de espetáculo, de circo, de cinema, de televisão. O ritual vem dar aquele alimento que as pessoas primitivas espiritualmente tanto apreciam. É o jogo de cores, cheiros, imagens, vestes, colares, gestos etc.

As religiões antigas se deturparam; desapareceram o bramanismo do passado e o confucionismo; o cristianismo do Cristo chegou àquele ponto conhecido por todos. Por isso, nós, espíritas, não aceitamos o ritual. Pregamos, e continuaremos ensinando que, na prática espírita, não pode haver ritual.

Em 1960, a Federação Espírita do Estado de São Paulo incumbiu dois dos seus mais experientes orientadores (E. Manso Vieira e B. Godoy Paiva) de publicarem o "Manual do Dirigente de Sessões Espíritas" — Lake Editora, livro muito resumido (92 páginas), mas que é uma verdadeira preciosidade.

Após estudarem os requisitos das sessões bem orientadas, enumeram aquilo que consideram falhas na prática espírita. Destacamos os seguintes erros, que são, talvez, os mais freqüentes:

- a) uso de túnica branca pelo dirigente dos trabalhos;
- b) abstinência de carne no dia das sessões;
- c) proibição do estudo dos livros básicos da Doutrina, sob alegação de que o Guia é competente para tudo ensinar;
- d) distribuição de preces impressas, para se evitarem desarranjos na vida, acidentes etc;
- e) realização de casamentos, batizados e crismas "espíritas";
- f) promessas a espíritos, para se conseguirem favores;
- g) médiuns de mãos dadas ou espalmadas sobre a mesa;
- h) comunicação de dois ou mais espíritos ao mesmo tempo;
- i) proibição de cruzarem as pernas;

- j) cantos extravagantes, velas, defumações;
- l) assistência obrigada a se conservar de olhos fechados;
- m) obrigação de receber passes à entrada do recinto;
- n) perguntas aos espíritos para satisfazerem a curiosidade.

Umbanda

O Espírita consciente respeita todas as religiões, por saber que cada uma delas atende a uma faixa de criaturas, de acordo com o nível em que estagiam suas necessidades, atenções, conhecimentos e interesses, quer morais, quer intelectuais, individuais ou coletivos. Contudo, particularmente no caso da Umbanda, é essencial esclarecer alguns aspectos, porquanto, principalmente os espíritas iniciantes perguntam quanto a eventual analogia que possa haver entre a Umbanda e o Espiritismo.

Nos grupos espiritualistas incipientes, a dúvida é de tal estatura, que chegam a destinar certos dias da semana para praticar o Espiritismo e outros, a Umbanda.

Compreende-se que a origem provável dessa confusão está na disseminação da terminologia "Centro Espírita de Umbanda", muito encontradiça nas fachadas de seus locais de reunião. Eliminemo-la de uma vez por todas.

Os termos "Espírita" e "Espiritismo" são palavras criadas por Kardec em 1857, na França; são neologismos para caracterizar, conceituar o proficiente e a doutrina por ele codificada, diferenciando-os de espiritualismo genérico, como vimos no primeiro capítulo.

A Umbanda é culto importado da África, onde sempre existiu, mesmo antes da descoberta do Brasil, e para aqui foi trazida pelos nossos irmãos escravos. Aqui chegando,

mantiveram suas crenças populares, as naturais superstições contidas no seu bojo e as suas terminologias, com o correspondente vocabulário nativo.

Conforme se vê, Espiritismo e Umbanda são duas coisas completamente diferentes, desde a sua origem até a sua idade. O mediunismo é o seu único denominador comum. E a mediunidade, como é sabido, não é privilégio do Espiritismo: já era conhecida na Bíblia, desde Abraão até os discípulos de Jesus; desde Moisés, conversando com os Espíritos na "sarsa ardente", até nossos dias, dentro do cristianismo ou fora dele, com Confúcio, Brahma, Sócrates Maomé e até entre ateus.

Com o decorrer dos anos, nossos irmãos africanos, longe de suas terras, saudosos, deslocados, não tiveram outra alternativa, a não ser a de adaptar-se à cultura local.

Seus ídolos africanos acabaram assimilando a expressão e o simbolismo dos ídolos aqui encontrados, apropriando-se deles.

As suas práticas mediúnicas, por sua vez, vêm atualmente encontrando no movimento espírita seu continuismo natural.

Dizemos "vêm atualmente" porque até o advento do Espiritismo no Brasil, tal não se dava: a rigor, somente nestes últimos cinquenta anos é que esse sincretismo mediúnico vem tomando corpo.

Assim, pela similitude medianímica, apropriaram-se, inconscientemente, também da terminologia "espírita".

Umbanda é uma prática mediúnica, respeitável, sem dúvida, mas não tem uma Doutrina codificada. Nela encontramos vários chefes, várias correntes. Não exige dos profítes um estudo permanente.

Um dos maiores umbandistas do Brasil, José Álvares Pessoa, na Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, escreveu três artigos muito interessantes sobre a Umbanda.

Pergunta ele: — "Será a Umbanda puro Espiritismo?"

Resposta: — "Nós todos sabemos que não. Se lidamos com espíritos, os nossos trabalhos são feitos por espíritos, ainda assim seria absurdo declarar que a Umbanda seria Espiritismo."

Este é um umbandista correto; diz que lida com espíritos, com o mediunismo, mas que é um absurdo falar que o Espiritismo é Umbandismo. "Podemos afirmar que em Umbanda se encontra um pouco de todas as religiões: porque a Umbanda é um sincretismo religioso, onde predomina a magia, que é a mais antiga de todas as manifestações espirituais." Então, a Umbanda, que aceita a magia, é um campo completamente diferente do Espiritismo, que repudia a magia.

Diz, ainda, Álvares Pessoa: "A Umbanda é a realização dos magos do Oriente, de milênios atrás, praticada, hoje, por espíritos; todavia, não podemos acrescentar que esses espíritos já tiveram encarnação, porque nada sabemos sobre eles. Damos-lhes ambiente material para a realização de seus trabalhos, cuja orientação é unicamente deles, mas a respeito, quer deles, quer dos trabalhos, quase tudo ignoramos. Apenas sabemos aquilo que eles nos querem declarar, e que vem a ser quase nada."

Prossegue ele: "Quem pode garantir que os Espíritos trabalhadores de Umbanda viveram vida encarnada nestes dois últimos milênios? Quem ousará declarar mesmo, que em alguma época, já tiveram corpo? Quem já ouviu dizer que um espírito deste já foi nosso pai, nosso parente remoto numa vida passada? Os próprios exus dizem-nos que jamais tiveram corpo físico, constituindo, por si sós, um profundo mistério a ser desvendado."

O autor confessa que, em Umbanda, "tudo é mistério"; ninguém sabe se esses espíritos viveram em corpo físico. "A orientação dos trabalhos são eles que dão, e nós não podemos intervir, de forma alguma."

O mediunismo, como já dissemos, sempre existiu e foi praticado em toda a parte, em todos os tempos, por todas as religiões. O mediunismo não é propriedade nossa, dos espíritas. A Umbanda usa o fenômeno mediúnico, mas nada tem a ver com o *Espiritismo Doutrina*. Pelos seus rituais, pela sua prática, podemos dizer que difere profundamente.

Então, qual a atitude nossa perante a Umbanda?

Em 1953, Edgard Armond, grande trabalhador, que deu quase 30 anos de serviços à Doutrina, publicou um folheto, distribuído amplamente, chamado "HORA DE ENTENDIMENTO". Diz ele: "Julgamos que agora se tornaria útil, aconselhável, a realização de um entendimento fraterno, honesto e sincero, no sentido de conciliar a Umbanda ao Espiritismo, ou contrariamente, oficializar a delimitação. Para isto, sugerimos, diz Armond, as duas seguintes alternativas:

1) A Umbanda se comprometeria a rever sua ideologia em certos pontos: alteraria suas práticas, suprimindo rituais e exterioridades ridículas e materializadas, como, por exemplo, as danças, o fumo, as bebidas. Como finalidade principal, adotaria, não a participação de interesses pessoais, mas a reforma íntima, a elevação moral dos adeptos, que é o imperativo fundamental do Espiritismo. Portanto, a primeira alternativa seria esta, ou então:

2) Não concordaria com essas modificações e continuaria como está.

No primeiro caso, ela poderia ser filiada ao Espiritismo, como degrau preparatório de adaptação para futuros avanços no entendimento espiritual. No segundo, não concordando, ela se comprometeria a não se utilizar do nome do Espiritismo na fachada de suas instituições e de seus cultos, como abusivamente vem acontecendo."

Mas, é de lamentar que, depois de 35 anos, ela não tenha aceitado, e, ao contrário, venha enriquecendo de ritualismos mais ainda o seu culto. Passou a tratar cada vez mais de problemas de ordem material, recusou qualquer contato com as Federações Espíritas, mas continuou a usar o nome espírita.

Nós respeitamos o catolicismo, o protestantismo; todas as religiões. Também a Umbanda, desde que ela se intitule Umbanda, e não Espiritismo. Como nós, tem ela o direito de existir, como o católico tem o direito de praticar o seu ritual. Deve-se defini-la bem e procurar esclarecer os espíritas quanto à grande diferença entre Espiritismo e Umbanda.

A Umbanda adota: ponto cantado, prece de testa no chão, saudação aos orixás, comandantes da casa, beber sangue de galo, banho de mar nas imagens (como vemos nos rituais que os jornais noticiam). Recomendamos aos confrades que leiam o livro de Deolindo Amorim, chamado "AFRICANISMO E ESPIRITISMO". É um livro resumido, mas uma verdadeira pérola. Diz ele: "O Espiritismo não se identifica, nem se confunde com o Africanismo." Encontramos ainda, em sua obra, alguns detalhes sobre o ritual de uma sessão de Umbanda; refere a nomenclatura exótica, a classificação hierárquica, linhas e correntes, como: linha da mata, linha da justiça, linha dos pretos velhos, linha de São Cipriano.

Há no Espiritismo conceitos que precisamos destacar: o espírito não tem cor, não tem raça, não tem pátria propriamente, porque nós habitamos a Terra, e amanhã habitaremos outros mundos. Nós habitamos, hoje, o Brasil, porém nosso espírito já encarnou em outros países de raça branca, preta ou amarela.

Os espíritas não têm preconceito de cor ou de raça. Quem o tiver, não pode ser um espírita verdadeiro. O que

vale para o espírito é a virtude, é o cabedal de valores que ele possua. Entre os humildes do nosso Brasil e da África, o número de indivíduos virtuosos, que progrediu espiritualmente, é muito grande. Entre os escravos brasileiros, houve muitos que, pela humildade e pelo sofrimento, galgaram estágios espirituais elevados.

Para um espírito que tenha galgado condições espirituais elevadas, não se justifica o recurso do linguajar insólito, atribuindo-o a supostas formas alienígenas de expressão, típicas dos nossos irmãos escravos. Ele pode perfeitamente apresentar-se, falando o português normal, e dizer que foi índio, preto, indiano, chinês ou japonês, não importa.

Nomenclatura exótica, classificação hierárquica, admissão de espíritos indoutrináveis, que são chamados para desfazer um mal feito, trazidos pelos orixás; o bem obtido através de negociações, inclusive permitir que o médium beba pinga e sangue de aves — são outras admissões da Umbanda.

Voltando ao articulista carioca, dizia ele que esses espíritos ficariam, por toda a eternidade, rebeldes e indoutrináveis. É outro absurdo. Estamos cansados de ver e ouvir, inclusive de espíritos orientadores, que nenhum de nós está fadado à perdição eterna, que Deus a todo instante abre novas portas, novas oportunidades, para que os faltosos se regenerem, encontrem oportunidade para remissão desse débito, a fim de que possam progredir, evoluir.

Ninguém está fadado à perdição eterna. A Umbanda afirma que há espíritos indoutrináveis, que ficarão, por toda a eternidade, maus, lesando os semelhantes. Isso contraria profundamente toda a nossa estrutura filosófica, que admite a Lei de Causa e Efeito. E, mais ainda, admite negociações com esses espíritos, para que eles venham desfazer o mal feito por outro; é uma verdadeira barganha espiritual.

Temos que estudar e compreender a grande Lei da Evolução, que a reencarnação nos prova de maneira clara, cristalina. Traz ela o elemento orientador, para que procuremos pautar os nossos procedimentos dentro da sábia Let de Deus, para que não percamos a existência terrena com práticas erradas, precisando vir, depois, resgatar o tempo perdido.

Outra característica fundamental, que diferencia o Espiritismo da Umbanda, está na sua base cristã.

O Espiritismo fomenta, substancialmente, a análise, o estudo e a interpretação do Evangelho de Jesus, tendo como ponto de partida "O Evangelho Segundo o Espiritismo", uma das cinco obras ditadas pelos Espíritos ao seu codificador Allan Kardec, indo até o estudo aprofundado dos textos bíblicos, notadamente o Novo Testamento.

Um dos seus objetivos primordiais é justamente restaurar os ensinamentos do Cordeiro Divino. Induz o homem à fé raciocinada. Estimula-o ao estudo e ao desenvolvimento de sua inteligência e de sua cultura. Não se limita a provocar fenômenos. Vai além.

Estabelece as relações que regem estes fenômenos e sobre elas estrutura todo um arcabouço de leis morais. Suas instituições promovem cursos de orientação mediúnica e de aprendizado evangélico aos milhares.

Não se vê na Umbanda, esta dedicação, este empenho ao estudo e à leitura dos Evangelhos.

No Espiritismo há uma Biblioteca, inclusive de autoria dos Espíritos, à disposição dos pesquisadores sérios, contendo minuciosa análise de todos os fenômenos em todas as províncias do saber humano, ora como Ciência, ora como Filosofia, ora como Religião.

Erros de Orientação nas Sessões

A dinâmica das sessões práticas foi muito bem esmiuçada em vários capítulos de "O Livro dos Médiuns" e não seria lógico, nem viável, querermos repetir aqui todos os cuidados que Kardec recomendou para que se obtenham bons resultados. Gostaríamos, todavia, de lembrar algumas recomendações que têm sido ignoradas, no dia-a-dia, por numerosos grupos espíritas.

1) Sessões Públicas

. Em primeiro lugar, uma sessão mediúnica não é divertimento aberto aos curiosos, desocupados ou perturbados mentais, sejam doentes ou obsidiados. A prática espírita é uma atividade muito séria, inclusive havendo perigos para aqueles que delas querem utilizar-se como passatempo. Para uma pessoa poder assistir a uma sessão, precisa ter um mínimo de noções sobre o intercâmbio mediúnico. Em caso contrário, a sessão nenhuma utilidade terá para o assistente, que poderá, além do mais, tornar-se elemento perturbador da harmonia espiritual do ambiente. Kardec dizia que não costumava permitir o acesso às suas sessões senão às pessoas que já tivessem conhecimentos sobre o assunto; nada entendendo dele, "perderiam o seu tempo e nos fariam perder o nosso".

Não é o que acontece em nosso meio. Basta uma pessoa entrar num Centro Espírita e mostrar curiosidade relativa ao fenômeno, para ser imediatamente convidada a assistir às sessões de doutrinação e até mesmo de desobsessão! Principalmente, se se tratar de pessoa com posição social ou econômica privilegiada.

Os resultados da reunião dependem muito da sintonia vibratória dos presentes. A reunião de um grupo de pessoas atraídas pela curiosidade ou pelo interesse material jamais leva à formação de um ambiente propício ao recebimento das mensagens dos espíritos evoluídos.

"O Livro dos Médiuns" — Capítulo III — item 31: "Falamos, portanto, por experiência e por isso afirmamos que o melhor método de ensino espírita é o que se dirige à razão e não aos olhos."

Item 32: "O estudo prévio da teoria tem ainda a vantagem de mostrar, imediatamente, a grandeza do objetivo desta Ciência. Acentuamos sempre que os que crêem sem ter visto, porque leram e compreenderam, ao invés de superficiais, são os mais ponderados."

Outro fator que contra-indica a presença de qualquer curioso e a realização da sessão com número muito grande de participantes é a necessidade de, inúmeras vezes, ser necessário um diálogo de esclarecimento do espírito comunicante. Detalhes de sua última encarnação, causadores da perturbação em que se encontra, não podem ser expostos perante indivíduos totalmente desconhecedores das bases que norteiam o intercâmbio com os desencarnados e que não têm espírito cristão para a tolerância e a compreensão.

2) Perguntas Inoportunas

Kardec defende ("O Livro dos Médiuns", item 287) o diálogo com os desencarnados: "Longe de terem qualquer inconveniente, as perguntas são de grande utilidade para a nossa instrução, quando as sabemos formular nos limites convenientes. E oferecem ainda outra vantagem, pois ajudam a desmascarar os Espíritos mistificadores."

Permitir dialogar com os espíritos não implica, pois, em admitir qualquer tipo de perguntas. Kardec explica com profundidade o assunto, no "O Livro dos Médiuns" — Cap. XXVI, do item 288 ao 296. Muita gente quer saber coisas do futuro de seus familiares, quer saber de futuras guerras, catástrofes, descobertas técnicas ou científicas e assim por diante.

Muito comuns eram, antigamente, as perguntas sobre as nossas existências passadas. Havia médiuns especializados em dar a chamada "trajetória espiritual", ou seja, relatos sobre as vidas anteriores do consulente. Interessante é que todos tinham sido pessoas importantes em outras vidas — príncipes, generais, filósofos, literatos, cientistas, políticos, governantes. Nenhum trabalhador rural, operário ou mendigo.

Ultimamente, parece que desapareceu a mania de pedir ao médium referências às últimas encarnações. Prefere-se fazer a regressão às vidas passadas.

"O Livro dos Médiuns" — item 288 — "Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas é porque não querem ou porque uma potência superior se opõe a certas revelações?"

R.: — Uma coisa e outra. Há coisas que não podem ser reveladas e outras que o Espírito não conhece."

Item 289 — "A Providência pôs limites às revelações que podem ser feitas aos homens. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo que lhes é proibido revelar. Quem insiste para obter uma resposta, se expõe às mistificações dos Espíritos inferiores, sempre prontos a aproveitar as oportunidades de explorar a nossa credulidade."

Item 302 — "Se bastasse aos homens dirigir-se aos Espíritos para tudo saberem, perderiam o livre arbítrio. O homem deve agir por si mesmo. Deus não envia os Espíritos para lhe aplainarem a rota da vida material, mas para lhe prepararem a do futuro."

Vejamos bem. Não é o objetivo dos mensageiros espirituais virem aplainar o nosso caminho, remover os obstáculos que encontramos e trazer-nos a solução de todos os problemas. Se o fizessem, seríamos meros joguetes em suas mãos e não teríamos responsabilidade alguma pelo que fizéssemos, de certo ou de errado.

Os protetores dão-nos o seu auxílio, os seus conselhos, o seu amor, mas a responsabilidade de todos os atos é nossa; o mérito ou o demérito são nossos. Plasmamos hoje o que seremos amanhã, assim como recebemos hoje a consequência dos atos passados. É essa a concepção espírita da justiça divina. Deus não seria justo se punisse alguns e perdoasse outros, livrando-os de passarem pelas provas merecidas.

3) Fantasias Referentes às Personalidades dos Espíritos Comunicantes

É fato corriqueiro ouvirmos, em centros esparsos pelo Brasil afora, comunicações atribuídas a Flammarion, Napoleão Bonaparte, Ruy Barbosa, Joanna D'Arc, Roosevelt etc. São tão cheias de erros, tão sem idéias e originalidade, tão ridículas, que é de imaginar o desânimo desses espíritos se, por acaso, ouvissem as tolices que os cérebros de falsos médiuns lhes querem atribuir. Não tem sentido, espíritos de alta evolução, que devem estar ocupados em tarefas importantes no Plano Espiritual, se não estiverem reencarnados, virem dizer meia dúzia de banalidades.

Os espíritos que se dizem Flammarion ou Bezerra de Menezes deverão manifestar conhecimentos à altura daquele a quem são atribuídos. Não estamos afirmando que todos sejam obrigados a dar sua identidade. Os que nos vêm trazer conselhos de ordem geral, com palavras elevadas, não precisam citar seus nomes. Pela profundidade dos ensinamentos, já sabemos que não podem provir do médium. Pessoalmente, encontramos alguns médiuns (raros) quase sem nenhuma escolaridade, cujas comunicações eram belíssimas, evidenciando grande cultura; isso se torna mais nítido nos ambientes, onde é permitido dialogar com o comunicante. Através de d. Maria Modesto Cravo (Uberaba), pessoa sem curso ginasial, tivemos oportunidade de dialogar com o espírito de Pierre Janet, expondo

assuntos de Fisiologia Humana e Neurologia, em que nossos conhecimentos se revelavam pequenos, face à cultura mostrada pelo espírito, totalmente acima da capacidade intelectual da médium.

No lado oposto, encontramos as mistificações mais tristes. Tivemos oportunidade de analisar, como membro da Comissão de Doutrina da FEESP, um conjunto de mensagens que a Autora desejava ver publicadas em forma de livro. A invigilância permitiu à médium atribuir a Augusto dos Anjos, poeta paraibano de grande profundidade filosófica, incapaz de erros de redação, uma pseudocomunicação com conceitos infantis e com graves erros. Palavras frívolas são atribuídas a Joaquim Nabuco, Lourenço Filho (grande educador), Viriato Correa (literato), Pedro de Alcântara e a Fausto Lex, profundo conhecedor de Espiritismo, que voltou do além semi-analfabeto.

Outra obra a nós enviada foi psicografada por M. L. S. e é atribuída ao espírito de Olavo Bilac. Esta conseguiu alguém que a editasse. Obra primária sob todos os aspectos. É uma ousadia sem limites e irresponsabilidade atribuir a Olavo Bilac, um dos mais brilhantes poetas da língua portuguesa, uma série de escritos feitos por pessoa semi-analfabeta, que comete erros grosseiros de concordância, usa vocabulário vulgar e revela pobreza franciscana de linguagem.

4] Rotinas Condenáveis

Em alguns grupos, presencia-se um desfilar interminável de comunicações, vazadas sempre no mesmo estilo, com as mesmas expressões e repetição de frases feitas ou "chavões". O dirigente dos trabalhos, em vez de procurar elucidar os médiuns, ensinando-os a evitar as expressões do animismo, deixa que as comunicações se sucedam na sua grande monotonia e na sua inutilidade. Tais

dirigentes assim procedem geralmente por ignorância e não por má fé. Não se compenetraram eles do seu papel de orientadores, de esclarecedores de consciências. Não percebem que sua negligência está fazendo grande mal ao movimento espírita, já que as comunicações verdadeiras se vão perdendo, de mistura com a avalanche de manifestações anímicas e de mistificações. Não percebem que as sessões assim realizadas são até contraproducentes, pois constituem fonte de descrédito para as pessoas inteligentes que se aproximam, sequiosas por encontrarem fatos espíritas autênticos.

Já publicávamos, em 31.10.1946, no jornal "A Nova Era", de Franca, o seguinte: "Alguns dirigentes de Centros adotam certas atitudes inteiramente reprováveis: por meio de ordens verbais e gestos enérgicos, fazem com que os espíritos passem de um médium para outro. E, aos gestos do doutrinador, os médiuns apontados vão caindo em transe. Qual seria a vantagem dessa mudança de médiuns, acompanhada de ruídos e outros distúrbios? Outros doutrinadores mandam que vários médiuns sejam tomados ao mesmo tempo, e presencia-se um episódio de contorções coletivas. Se uma pessoa antiespírita assistir a uma dessas sessões, sairá mais convencida de que os médiuns nada mais são do que doentes nervosos, sugestionáveis com facilidade. Foi o que aconteceu com Leonídio Ribeiro e outros no Rio de Janeiro, que assistiram a algumas sessões mal orientadas e quiseram considerar todo o Espiritismo como nada mais sendo que isso. Esses nossos opositores não tiveram o cuidado de procurar observar os fatos em melhores ambientes, onde, à testa dos trabalhos, houvesse pessoas conhecedoras da Doutrina. Tomados como estavam de ojeriza pelo Espiritismo, logo se apegaram a essas deturpações, a esse falso Espiritismo (não baixo espiritismo) e exclamaram: Eis aí o que é o Espiritismo; eis o que são os médiuns!"

Os que conhecem, razoavelmente, Espiritismo sabem que as sessões práticas, sejam as de "doutrinação", sejam aquelas em que espíritos evoluídos nos vêm trazer ensinamentos ou advertências, visam não só esclarecer o espírito sofredor ou perturbado, que se está comunicando, como também os assistentes dos trabalhos. André Luiz nos refere, com minúcias, a existência de equipes socorristas, no outro plano, que acolhem, tratam, orientam e esclarecem os recém-chegados ou mesmo os recalcitrantes. Portanto, o esclarecimento quanto ao novo estado também é feito no plano espiritual. O excelente livro "Jovens no Além", psicografado por Francisco Cândido Xavier, está cheio de casos muito interessantes, em que os jovens, desencarnados em acidentes, são atendidos por parentes, já no plano espiritual e, após certo tempo, ficam conscientes de seu novo estado.

Então, por que é necessária a doutrinação em nossas sessões mediúnicas? Mais do que os espíritos sofredores, precisam ser esclarecidos e advertidos os encarnados presentes, que, na maioria, estão apresentando falhas na sua conduta. Nada melhor para alertá-los do que presenciarem, através dos relatos dos espíritos, a consequência dos maus atos praticados. O estado de confusão, as dores quase orgânicas, o desespero, o arrependimento, tudo provado como sendo devido ao desrespeito à lei, servem para comprovar, ao vivo, a lei de causa e efeito. Melhor do que mil dissertações teóricas.

Por tudo isso que dissemos, deduz-se que as comunicações devem ser dadas uma por vez, em voz bem audível, para todos os presentes, e as argumentações e os conselhos formulados pelos dirigentes dos trabalhos também.

Lamentavelmente, de uns tempos para cá (não era assim nos primórdios da prática mediúnica autenticamente espírita) surgiu o hábito da doutrinação junto ao médium.

Vários médiuns começam, simultaneamente, a murmurar baixinho e, atrás de cada um, se coloca um esclarecedor ou doutrinador, que cochicha no ouvido do médium. Ninguém ouve nada do que é dito; lição alguma é obtida pelos assistentes.

Mas por que criaram essa doutrinação? A resposta salta aos olhos de qualquer pessoa de medianos conhecimentos espíritas. É uma forma lastimável de encobrir as falhas na incorporação de médiuns imperfeitos e, mais ainda, a incapacidade de argumentação e de produzir convicção daqueles que se intitulam "esclarecedores". Ambos cochichando, médium e doutrinador, podem dizer o que quiserem, as maiores tolices, que ninguém fica sabendo. Assim, meio mundo desenvolveu a mediunidade e meio mundo se arvora em esclarecedor. O que acabamos de dizer não se aplica aos trabalhos especiais de desobsessão, usados em muitas casas espíritas.

O tratamento desse mal é um só: estudo e mais estudo. Que os freqüentadores leiam sempre, pelo menos "O Livro dos Médiuns". Ficarão, dessa forma, sabendo como são desaconselhadas essas técnicas de doutrinação.

5) Assuntos Materiais

Muitos vão a uma Casa Espírita, esperando que os espíritos desencarnados, empregadinhos às ordens, resolvam seus problemas pessoais. No momento em que as perturbações cessarem, voltam de novo para a vida desregrada de antes. Vêm saber se devem ou não se casar; se devem ou não comprar casa; se devem comprar o remédio que o médico receitou, ou se aquele remédio está certo. Quer dizer, o indivíduo vem com a finalidade exclusiva de resolver seus problemas materiais.

Devemos agir até com certa energia para com as pessoas que nos procuram com esse objetivo, ensinando-lhes

que esses problemas todos de ordem material são consequência do procedimento da pessoa, nesta ou em encarnações anteriores. Ninguém, nem os espíritos iluminados, tem a permissão ou o poder de tirar a prova da pessoa. Ninguém vai propiciar-lhe a cura, se ela não a merecer. Ninguém vai transmitir-lhe progresso espiritual, se ela não o tiver buscado, com duro esforço e longamente.

O Espiritismo trouxe-nos uma orientação segura e tranqüila, para que as pessoas resolvam, elas mesmas, os seus problemas, uma vez esclarecidas, com o auxílio e a força que os espíritos nos transmitem.

Os espíritos nos ofertam tranqüilidade e paz, dão fluidos benéficos, para que nos sintamos mais corajosos e mais tranqüilos, ao enfrentarmos as provas; todavia, eles não nos tiram as provas, porque são consequência do nosso passado delituoso.

Muitos buscam um médium ou médico espírita, deles esperando milagres, resolvendo os casos incuráveis. Nesse momento, podem surgir os espertalhões, e surgem mesmo. Estes falsos médiuns podem tornar-se famosos, desde que tenham cobertura da imprensa, escrita e falada.

Nosso povo ainda está necessitando da luz do esclarecimento da Doutrina, que recomenda ao homem procurar esforçar-se, estudar e se reformar, para que, reformando-se, praticando o bem, agindo de acordo com a Lei de Deus e com os ensinamentos do Cristo, possa evoluir. Como consequência da sua reforma, conquistará progresso espiritual cada vez maior, e, como decorrência disso, até melhorias físicas.

Muitas vezes, por excesso de bondade ou negligência daquele que atende ao público, não é dada a orientação, e o indivíduo continua a freqüentar sessões, pensando que vai conseguir sem esforço tudo o que almeja. Quem o atendeu, pela primeira vez, não teve a iniciativa para di-

zer-lhe: — "IRMÃO, VOCÊ AQUI VAI RECEBER TODO O CONFORTO ESPIRITUAL, TODO O AMOR, TODO O CARINHO, MAS É ABSOLUTAMENTE NECESSÁRIA SUA COLABORAÇÃO. NÓS VAMOS AJUDÁ-LO, SIM, PORÉM O PROBLEMA PESSOAL, VOCÊ SÓ RESOLVE, SE AJUDAR A VOCÊ MESMO."

O Espiritismo é luz, é bússola; é a maior Doutrina que veio para o progresso da humanidade terrena. Não é um conjunto de práticas ritualísticas que deslumbram as mentes primitivas, nem oferece, para solução dos problemas, rituais ou fórmulas cabalísticas.

CAPÍTULO VII

DOS FATOS À FILOSOFIA

Teoria e Prática

O Espiritismo, como Doutrina, surgiu, inegavelmente, da comprovação dos fenômenos produzidos pelos espíritos desencarnados. Tanto a Doutrina como o movimento espírita foram decorrência da comprovação experimental da sobrevivência do espírito, após a morte do corpo físico, e da comunicabilidade dos assim chamados mortos. O fenômeno exige uma explicação. E ela veio, através das respostas obtidas por Kardec e seus companheiros, formando aquilo que se convencionou chamar de Terceira Revelação. Surgiram os 5 livros básicos, que constituíram o esteio e a base da nova Doutrina chamada Espiritismo.

Sem o embasamento da fenomenologia mediúnica, não poderia haver uma verdadeira filosofia espírita, por mais rica em argumentos fosse ela. Quando muito, encontraríamos homens de saber, perdidos em raciocínios sofisticados e abstratos, inúteis para a regeneração da humanidade. Enfim, grupos de teóricos, distantes da realidade, perdendo anos, a discutirem o "sexo dos anjos".

Por outro lado, só a freqüência às sessões, sem estudo contínuo por parte dos militantes, levaria, fatalmente, à rotina repetitiva, sem formação de cultura doutrinária, tendendo ao misticismo e com terrível perigo de infiltrações ritualísticas.

Portanto, nem só teoria, divagações, especulações filosóficas; mas também não apenas prática mediúnica, desacompanhada de estudos. Teoria e prática se completam, como em qualquer Ciência.

Partimos do fenômeno — estudamo-lo, analisamo-lo, até chegarmos à certeza da sua autenticidade. Numa segunda etapa, vamos procurar descobrir as leis que o regem. Antes de se conhecerem as leis, o fenômeno está no domínio do maravilhoso e do sobrenatural; descobertas as leis, ele passa a ser um fato natural. Não é uma questão de fé: é um problema de conhecer ou ignorar. Quando perguntaram a Willian Crookes se ele acreditava no fenômeno espírita, ele respondeu: "Eu não creio. Eu sei." Saber tem muito mais força do que crer.

Todavia, bastará ao homem conhecer as Ciências, ter uma grande cultura, sem preocupar-se com o futuro de sua alma, de seu autoconhecimento e autodomínio? Não. O espírita que ficasse na fase intelectual da Doutrina, sem nenhuma preocupação de ordem moral, seria um espírita imperfeito. Toda sua cultura não seria útil para si mesmo, nem para os outros. Por isso, é necessário que o espírita passe para a terceira fase: a utilização de seus conhecimentos, para proceder ao seu aperfeiçoamento moral, visando à sua evolução.

Deolindo Amorim, já por nós citado nos primeiros capítulos deste livro, em artigo publicado no jornal "Desobsessão" (Órgão de difusão doutrinária do Hospital Espírita de Porto Alegre), em julho de 1977, diz o seguinte:

"Felizmente, pelo esforço que já se faz em todas as latitudes de nosso país, apesar das dificuldades ainda existentes, o Espiritismo está sendo compreendido como filosofia de vida e não como simples ponto de curiosidade vulgar. É o resultado da divulgação doutrinária pelo livro,

pela imprensa, pelo rádio, como também é o resultado de conferências e cursos, desenvolvidos de norte a sul, de leste a oeste. A mentalidade predominante, em grande parte, já é muito mais lúcida, já apreende o Espiritismo pelo seu ensino básico, com o seu sólido conteúdo de lições para a vida em todas as circunstâncias.

Por mais simples ou até grosseiro que seja um fenômeno, aparentemente, podemos partir dele para uma série de reflexões sérias, acerca da sobrevivência do espírito, assim como a respeito da justiça divina e do próprio destino humano. O fenômeno pode abrir horizontes novos, mas precisa ser estudado e bem compreendido. É bom lembrar sempre o exemplo de Allan Kardec, e não haveria exemplo mais edificante. Enquanto alguns observadores se impressionaram com a parte mediúnica, dando-se por satisfeitos com o que viram e anotaram, Allan Kardec, que tinha aguda visão filosófica — devemos repetir insistentemente — logo que reconheceu a evidência dos fenômenos, através de suas experiências, procurou tirar deduções sobre as causas e conseqüências. Qual a origem, a verdadeira causa das comunicações, se não decorrem do médium? Que conseqüências terão esses fenômenos na ordem intelectual e na ordem moral? Poder-se-á inferir daí um ensino capaz de modificar o homem? É assim, nas pegadas do Codificador, que se deve proceder ainda hoje, pois não adianta crer nas comunicações dos espíritos, se a crença, muitas vezes decorrente do deslumbramento, não torna o homem melhor, não o liberta de velhas tendências viciosas, não lhe amplia o horizonte intelectual, não lhe modifica o sentimento, não o renova moralmente."

Vêem, assim, os nossos prezados leitores que este grande jornalista e sociólogo traz algumas considerações que vêm reforçar e dar brilho àquilo que dissemos pouco antes, ou seja, que a luta pelo aperfeiçoamento moral é uma obrigação prioritária de todos os espíritas.

Estudos da Doutrina

Para poder seguir aquele processo por nós apontado, das três fases da compreensão espírita, é preciso haver uma metodologia bem adequada, sob pena da pessoa desviar-se da trilha e perder-se nos desvãos da religiosidade doentia e do ritualismo sedutor. Daí, a necessidade de os Centros Espíritas e as Federações manterem, permanentemente, escolas de orientação e educação mediúnicas, onde o aprendiz irá receber a base cultural mínima necessária e se familiarizará com a prática mediúnica correta. Felizmente, a grande maioria das Federações mantém essas escolas e está no caminho certo. Contudo, cuidados básicos devem ser tomados: preparar um grupo numeroso de expositores bem orientados e com boa capacidade didática; turmas não muito numerosas de alunos, dos quais se exigirá assiduidade e estudo permanente.

Poderia parecer que estamos insistindo no óbvio, quando falamos na necessidade de contarmos com um grupo de expositores bem orientados. Mas não é fácil, para um Centro Espírita e até mesmo para uma Entidade maior, ter em seu seio expositores que aliem um grande conhecimento doutrinário a uma boa capacidade didática, clareza na exposição e espírito de liderança. A maioria que encontramos em nossa longa militância doutrinária era constituída de pessoas com enorme boa vontade, porém tendo conhecimentos superficiais das obras de Kardec (às vezes, apenas a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo), alguns livros de mensagens psicografadas e um ou outro de André Luiz.

Quando surge algum aluno de maior cultura e que de-seja maiores detalhes e mais fortes argumentos, é muito comum o expositor perturbar-se, ou, então, proibem-se as perguntas. A moderna pedagogia nos ensina que nenhuma aula, seja em Colégio, Faculdade ou Entidade religiosa,

deve constituir-se em longa peroração, a que os alunos assistem passivamente. Todas as exposições precisam utilizar métodos audiovisuais (quadros-negros, esquemas, flanelógrafos e, se possível, diapositivos ou retro-projetores). Deve haver intensa participação de todos os alunos. Quando aconselháveis, discussões em grupo, apresentação de resumos ou trabalhos por parte dos alunos. De acordo com o curso, avaliações periódicas do aprendizado, por meio de testes de múltipla escolha ou outro tipo de provas.

Encontramos muitos expositores que procuram falar difícil, que se empolgam e até se emocionam. Citam trechos de várias passagens evangélicas, que são apenas citadas, sem delas extraírem conclusões úteis para os ouvintes. Em uma mesma aula, expõem 5-6-8 trechos dos Evangelhos, a maioria que nada tem a ver com o assunto em estudo. A aula se transforma em uma verdadeira colcha de retalhos, sem seqüência, nem conclusões parciais e finais. Os alunos, ao término, saem na mesma situação em que entraram. Alguns cochilam, outros ficam com o pensamento distante, nem ouvindo o que está sendo dito.

O professor precisa trazer um esquema bem definido, que colocará, de preferência, no quadro. Seguirá, rigorosamente, os itens e usará estritamente o tempo predeterminado. O ideal será que os alunos recebam, com antecedência, apostilas, nas quais estarão resumidos os assuntos de 4 ou 5 aulas. Assim, terão oportunidade para ler antes os resumos; estes serão usados para estudos posteriores. Nessas apostilas deverão constar os livros que devem ser manuseados, com citação dos capítulos focalizados.

Tipos de Cursos — Podem ser dados cursos apenas de formação cultural, ou seja, puramente teóricos; ou então, cursos teórico-práticos de Orientação e Educação Médica, em que as aulas teóricas se alternam com as práticas, comumente rotuladas como "desenvolvimento médico". O que não pode haver são os cursos de médiums

apenas práticos, sem ensino simultâneo da Doutrina. O resultado dos que assim procedem tem sido simplesmente desastroso. Formam-se falsos médiuns, que aprendem a liberar os poderes do subconsciente, os quais, aliados às sugestões verbais recebidas, resultam nas conhecidas "comunicações" puramente anímicas, aglomerados de frases feitas, vazias de conteúdo e de ensinamentos.

Fazer espiritismo unicamente prático é o mesmo que alguém querer tornar-se físico ou químico, apenas frequentando aulas de laboratório, sem nada aprender das teorias da Física ou da Química. Ou, então, querer formar-se em Medicina ou Biologia sem nada estudar de teoria.

Kardec, no "O Livro dos Médiuns" — Capítulo II (sobre o Método), item 18, diz: "Dissemos que o Espiritismo é todo uma Ciência, todo uma Filosofia. Quem desejar conhecê-lo seriamente deve, pois, como primeira condição, submeter-se a um estudo sério e persuadir-se de que, mais do que qualquer outra ciência, não se pode aprendê-lo brincando."

Item 31: "É muito simples o meio de evitar estes inconvenientes. Basta começar pela teoria. Nela todos os fenômenos são passados em revista, são explicados, e se podem conhecê-los e compreender a sua possibilidade, as condições em que podem ser produzidos e os obstáculos que podem encontrar."

Item 32: "Ligando-se mais ao fundo do que à forma, o aspecto filosófico é para eles o principal, e os fenômenos propriamente ditos são apenas o acessório."

Item 34: "São esses os motivos que nos levam a só admitir em nossas sessões experimentais pessoas suficientemente preparadas para compreender o que se passa, pois sabemos que as outras perderiam o seu tempo ou nos fariam perder o nosso."

Alunos dos Cursos — A constituição das classes deve ser feita com muito cuidado.

1) Os alunos não devem ser curiosos, mas pessoas interessadas no conhecimento doutrinário e na educação de suas possíveis capacidades medianímicas. Antes da inscrição, devem ser entrevistados por pessoas profundamente conhecedoras dos trabalhos, para se evitarem as desistências tão comuns. Evidentemente, não se aceitarão como alunos pessoas com perturbações mentais ou espirituais, que não teriam condições de acompanhar o curso e viriam a tumultuá-lo permanentemente. Tais pessoas devem ser encaminhadas, para serem orientadas e tratadas, em outros setores.

2) Os inscritos devem conscientizar-se de que precisam freqüentar com absoluta assiduidade as reuniões, estudar sempre e engajar-se num esforço pelo seu aprimoramento espiritual. Mas, para que os alunos se interessem verdadeiramente, é mister que o ensino seja vivo, atraente e que o expositor saiba transmitir o entusiasmo que tem pela Doutrina.

3) Devem conscientizar-se de que a pressa no aperfeiçoamento de suas mediunidades só pode ser nociva. É preferível que eles demorem para transmitir mensagens a, logo depois de algumas semanas, comecem a ter falsas vidências e darem comunicações forjadas.

Pureza Doutrinária

Como existem práticas de mediunismo deformado e muitas delas bastante atraentes pela invocação aos sentidos, há sempre o risco de o iniciante, na doutrina, desviar-se do verdadeiro Espiritismo. Conforme dissemos nos primeiros capítulos, a maioria dos que se aproximam dos grupos ou Centros Espíritas vem em busca de um alívio imediato para seus sofrimentos ou de uma explicação simplista, que não exija estudos ou meditação. Essas pessoas

são presas fáceis dos ritualismos fantasiados de prática espírita, ou das explicações tolas dos que se intitulam orientadores.

Nas verdadeiras Casas Espíritas, encontram carinho e orientação, mas as pessoas que as atendem sempre enfatizam a necessidade da colaboração do consulente, no sentido de sua reforma moral. Não sendo os resultados imediatos, como não poderiam ser, eles preferem os falsos médiuns e charlatães, que oferecem o Paraíso ao alcance das mãos.

Dissemos, também, que no movimento espírita costuma haver uma certa condescendência para com as pequenas deturpações, condescendência essa rotulada como tolerância cristã. Estão errados. Tolerância deve haver para as falhas das pessoas, que devem ser esclarecidas e apoiadas, ajudando-as a saírem do ciclo erro — sofrimento. Tolerância com as pessoas, sim, mas conivência com as deturpações, jamais. As deturpações são como os cupins; vão sorratamente corroendo, destruindo. Quando se dá pela coisa, a madeira já está podre, desfazendo-se. As deturpações também agem assim. Num centro A, por exemplo, alguns diretores propõem que se usem aventais brancos para os médiuns e amarelos para os esclarecedores. Que mal há nisso? Talvez seja até mais higiênico... Todos aprovam. Daí a algum tempo, alguém propõe que a prece seja feita em pé, pois é uma posição mais respeitosa. Ótimo. Aprovado. Tempos depois, alguns trazem a idéia de fazer uma solenidade para os jovens espíritas que se casarem, com flores, canção nupcial, preces em voz alta. Afinal, não estará de acordo com a alegria do ato? Será uma solenidade muito simples, para solicitar ao Alto o apoio aos jovens recém-casados. Boa idéia. Aprovamos, sim. E dessa forma, o centro A passou a adotar o "casamento espírita". Logo mais, virão o batizado espírita, a solenidade das bodas de prata etc.

Os espíritos atrasados são muito influenciados pelas emanções alcoólicas e por odores especiais, dizem. Vamos, então, preparar o ambiente do Centro fazendo defumações especiais, para afastar os obsessores. As casas de vários freqüentadores estão carregadas de fluidos maléficos. É preciso fazer uma limpeza nos seus lares. Um médium "forte" é incumbido de ir à casa deles para benzer os quartos e salas, recomendando que depois sejam acesas velas nos quatro cantos, enquanto os moradores farão certas orações.

Nos travesseiros das crianças há coisas malfeitas, encomendadas por inimigos, e essas coisas estão trazendo doenças para as crianças. Então, chama-se um benzedor, que, após rezas e rituais, abre o travesseiro e de dentro tira o couro seco de um sapo ou um camundongo mumificado, responsável pelas desgraças que a família está sofrendo.

Poderíamos continuar a citação de ridículas crendices como essas, que chegam ao cúmulo de serem apresentadas como espíritas. As superstições, práticas fetichistas e rituais se mesclam com o folclore e são objeto de "modernos estudos sociológicos" e reportagens de revistas e televisões. Reportagens essas que, para efeito de venda, não apontam o erro, o atraso, a infantilidade de crendices que deveriam estar sepultadas há séculos. Pelo contrário, as enaltecem e justificam, documentam com belas fotografias coloridas, como se fossem a autêntica expressão da arte cabocla.

Isto tudo bate às portas dos nossos Centros Espíritas por esse Brasil afora, dirigidos, às vezes, por pessoas de ilibado caráter, mas desconhecedoras, por completo, da Doutrina Espírita e incapazes de discernir o certo do errado.

É urgente e fundamental que todos aqueles que tiveram a ventura de entender o Espiritismo lutem, dia-a-dia, pela manutenção da pureza doutrinária. Que não se omitam. Que não se escondam atrás dum comodismo preguiçoso, alegando que, cada qual tem o direito de adotar a prática que quiser, e que cada qual vive a religião de acordo com seu grau de evolução intelectual. Realmente, não temos o direito de apontar o dedo ameaçador à face dos profíctentes de outras religiões e cultos. Eles têm o direito de ter a religião que quiserem e adotar os cultos que bem entenderem. O que não se pode permitir é que, *em nome* do *Espiritismo*, se pratiquem atos totalmente condenados pela Doutrina.

Lembrem-se todos de que o indivíduo, ao se tornar espírita, não só descobriu uma verdade nova, mas assumiu o compromisso, perante Deus e os homens, de lutar pela melhoria da humanidade. Essa luta não consiste, apenas, na freqüência aos trabalhos e em fazer caridade. Abrange, também, a reforma moral. Entretanto, que reforma é essa, em que a pessoa procura tornar-se boa e pura, mas não se importando se, em seu redor, os espíritos humildes continuam abandonados, atrasados, dominados pelas normas erradas de proceder, adotando posturas religiosas fetichistas ou mágicas, substituindo a medicina e a higiene por práticas absurdas, de um passado remoto?

Nós só evoluiremos espiritualmente, na medida em que também ajudarmos o nosso semelhante a progredir. A Codificação nos ensina que o progresso do espírito está intimamente ligado ao da coletividade, onde o homem está inserido.

BIBLIOGRAFIA

- 1) AMORIM, D. — *Africanismo e Espiritismo* — Gráfica Mundo Espírita — R. J. — 1947.
- 2) AMORIM, D. — *O Espiritismo e os Problemas Humanos* — Mundo Espírita — R. J. — 1948.
- 3) AMORIM, D. — *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas* — Catavento S.A. — São Paulo — 1980.
- 4) ANDRADE, H.G. — *As Três Faces da Parapsicologia* — *Boletim Médico* — Espírita — Juiho — 1986.
- 5) ANDRADE, H.G. — *Parapsicologia Experimental* — Edição Calvário — São Paulo — 1967.
- 6) ANDRADE, H.G. — *Espírito, Perispírito e Alma* — Editora Pensamento — São Paulo — 1984.
- 7) ARMOND, E.; ABREU FILHO, J.; LEX, Ary — *Iniciação Espírita* — Vol. VII — Edição FEESP — 1953.
- 8) BONILLA CASTILLO, J. — *Relatório preliminar sobre fundamentos do método científico, suas limitações atuais e uma proposta para seu enriquecimento* — EPAMIG — Belo Horizonte — 1984.
- 9) BORN, W. — *Atas Ciba* — Ano XI — Números 8 e 9 — Agosto e Setembro — 1944.
- 10) BOZZANO, E. — *Animismo e Espiritismo* — FEB.
- 11) CERVIÑO, J. — *Além do Inconsciente* — Federação Espírita Brasileira — 1979.
- 12) COSSA, P. — *Fisiopatologia do Sistema Nervoso* — Masson Editores — Paris — 1936.
- 13) DÉLANNE, G. — *A Evolução Anímica* — F.E.B. — 1938.
- 14) DÉLANNE, G. — *O Espiritismo Perante a Ciência* — F.E.B. — 1939.
- 15) DENIS, L. — *Depois da Morte* — 11.ª edição — F.E.B. — 1978.
- 16) DURANT, W. — *História da Filosofia* — Companhia Editora Nacional — 1938.
- 17) FERREIRA DE CAMARGO, CP. — *Kardecismo e Umbanda* — Livraria Pioneira Editora — São Paulo — 1961.

- 18) GODOY PAIVA, B.; MANSO VIEIRA, E. — *Manual do Dirigente de Sessões Espíritas* — Lake Editora — 1960.
- 19) KARDEC, A. — *O Livro dos Espíritos* — Edições FEESP — 1972.
- 20) KARDEC, A. — *O Livro dos Médiuns* — Lake Editora — 1973.
- 21) KARDEC, A. — *Obras Póstumas* — Lake Editora — 1966.
- 22) LYRA, A. — *O Inconsciente, a Magia e o Diabo no Século XX* — Distribuidora Record — São Paulo — 1973.
- 23) MAES, E. (Ramatis) — *A Vida no Planeta Marte* — Paraná — 1950.
- 24) MAES, E. (Ramatis) — *O Sublime Peregrino*.
- 25) PESSOA, J.A. — *O Véu de Umbanda* — O Semanário — Rio de Janeiro — Ano III (números 122, 123 e 124) — 1958.
- 26) PIRES, J.H. — *Parapsicologia e suas Perspectivas* — Edicel — São Paulo — 1964.
- 27) PIRES, J.H. — *Ciência Espírita* — Editora Paidéia — São Paulo — 1979.
- 28) PIRES, J.H. — *O Centro Espírita* — Paidéia — São Paulo — 1980.
- 29) PIRES, J.H. — *Agonia das Religiões* — Paidéia — São Paulo — 1976.
- 30) RHINE, J.B. — *El alcance de la mente* — Editorial Paidos — Buenos Aires — 1961.
- 31) ROSA BORGES, V. — *O universo dos fenômenos paranormais e mediúnicos* — Boletim Médico-Espírita — Ano 111 — n.º 4 — Julho de 1986.
- 32) XAVIER, F.C. — *Jovens no Além* — GEEM — São Bernardo do Campo — 6.ª edição — 1976.
- 33) XAVIER, F.C. (Espírito de André Luiz) — *Nos Domínios da Mediunidade* — F.E.B. — 11ª edição — 1982.

DAG GRAFICA E EDITORIAL LTDA.
Imprimiu
Av. Nossa Senhora do ô, 1.782
Tel.: 857-6044

A NOVA SEDE DA FEESP



A Federação Espírita do Estado de São Paulo está construindo a sua Nova Sede, à rua Maria Paula, 158, com maior espaço e mais conforto para as pessoas que a procuram. Junte-se a nós. Ajude-nos a concretizar este grande empreendimento. O trabalho é nosso. A obra é de Jesus. Informações pelos telefones: 34-5331, 34-5327 e 36-9810. Estamos, também, à sua disposição na Sede atual da FEESP, com entradas pelas ruas: Santo Amaro, 370. CEP: 01315 e Japurá, 211, CEP: 01319, Bela Vista, São Paulo. Capital.